

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

**SENTIDOS EM PERCURSO:
O FAZER, SER E SENTIR COMO
ARTISTA-INVESTIGADORA-PROFESSORA**

**DEFESA E EXPOSIÇÃO DE FINAL DE CURSO DE DANIELA GONÇALVES AMARAL
ORIENTAÇÃO PROF. Dr. CARLOS AUGUSTO NUNES CAMARGO
DIA 04/04/23 - DAS 16H30 ÀS 17H30
ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL SENADOR ERNESTO DORNELLES
R. Duque de Caxias, 385 - Centro Histórico, Porto Alegre**



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Artes - Departamento de Artes Visuais

SENTIDOS EM PERCURSO:

O FAZER, SER E SENTIR COMO ARTISTA-INVESTIGADORA-PROFESSORA

Daniela Gonçalves Amaral

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Nunes Camargo

Banca: Profa. Dra. Andrea Hofstaetter e Profa. Dra. Claudia Vicari Zanatta

Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais

Porto Alegre, abril de 2023

Daniela Gonçalves Amaral

SENTIDOS EM PERCURSO:
O FAZER, SER E SENTIR COMO ARTISTA-PESQUISADORA-PROFESSORA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Nunes Camargo

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Amaral, Daniela Gonçalves
SENTIDOS EM PERCURSO: O FAZER, SER E SENTIR COMO
ARTISTA-INVESTIGADORA-PROFESSORA / Daniela Gonçalves
Amaral. -- 2023.
71 f.
Orientador: Carlos Augusto Nunes Camargo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto
Alegre, BR-RS, 2023.

1. Professoralidade. 2. Livro de Artista. 3.
Sensorialidade. 4. Objetos Propositores Poéticos. I.
Nunes Camargo, Carlos Augusto, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ariadne (avó), pela ancestralidade, pela sabedoria, pelas mãos curadoras, por ser uma mulher desbravadora que rompeu padrões sociais de sua época.

Iná (mãe), pelo sim à vida, pelo amor às artes, desenhos, pinturas, escritas e pelos acalantos ao violão para que eu adormecesse quando bebê.

Vanor, pelo afeto como pai, pelas leituras sagradas sobre espiritualidade, pela comida campeira, os causos e conhecimentos passados.

Adriana, pela irmã que acolhe, pela força e amor que alcança o invisível, pelas brincadeiras de cápsulas do tempo e criações com as mãos de personagens chamados "Kitos", inspirados na série de tv The Muppets", pelo apoio à família em horas de desafio.

Mauro, pelo apoio e respeito à minha trajetória, pela música encantadora que ouvi em sua janela e o cheiro que até hoje sinto em ti que me cativa.

Julia (filha), pela sensibilidade, criatividade, alma antiga e sábia, dom com os oráculos e escritas, conversa profundas e risadas de doer a barriga.

Emanuela (filha), pela delicadeza, inteligência, persistência, pelas canções criadas quando pequena, leituras de livros, narrativas teatralizadas de grande emoção, pelas explicações tão bem elaboradas e claras, por me ensinar a ser melhor a cada dia.

Iones, pela conexão espiritual, amizade que não importa o tempo e a distância, por estar sempre atenta e dar uma palavra afetuosa.

Adolfo, pelo aprendizado com a música e palavras sábias.

Anelise, por ser uma conselheira afetuosa, grandiosa e inspiradora.

Lisiane, pela amizade, escuta e acolhida nos momentos frágeis da vida, trazendo clareza e sensatez.

Carla, pelo despertar do conhecimento do barro sagrado, deidades femininas, pelas imersões, conexões com o fogo, terra, ar e água.

Sandra, pela oportunidade de conhecer a professora que sou, pela doação e entrega aos projetos desenvolvidos na Escola Técnica Estadual Senador Ernesto Dornelles, pelo aprendizado com a docência.

Isabel Lopes, diretora, por acolher a realização da exposição e defesa do meu TCC na Escola Ernesto Dornelles, lugar onde desenvolvi a docência.

Carusto, ao querido mestre, por dar oportunidade de desenvolver a pesquisa e ter encontrado um orientador que acreditasse no potencial da escrita. Por oportunizar o encontro com o barro em minha vida que definiu sentido ao que almejo como elemento de conexão com a ancestralidade e a Mãe Terra.

Andrea, por promover com paixão a materialidade dos objetos poéticos de aprendizagem, por me apresentar estudos sobre a professoralidade que foi essencial ao desenvolvimento desta pesquisa.

Claudia, por aceitar com generosidade a fazer parte desta banca, pelas contribuições à pesquisa, orientação que motivou a relacionar artistas que dialogam com minha pesquisa.

Dani Noal, "Arte, Saúde e Educação", disciplina que me fez acordar para esse cruzamento; encontrei acolhimento nas leituras das obras de Nise da Silveira, sua voz fez ecoar a arte como terapêutica, encontro com o inconsciente, a infância e a criação.

Marcelo Chardosin, pelo acompanhamento sensível no registro dos trabalhos realizados junto a exposição Museu Baldio.

Vitória Natane de Oliveira, por despertar a paixão pela performance e pela arte ancestral e ritualística.

Gustavo Quevedo, pela dedicação cuidadosa e primorosa na construção dos *Cubos Sensoriais*.

Luciana Loponte, por acompanhar minha trajetória acadêmica nos dois estágios obrigatórios, acreditar na potencialidade dos projetos criados, pelo apoio na caminhada, trocas e escutas além da vida acadêmica.

RESUMO

Esta pesquisa trata sobre a relação entre artista-pesquisadora-professora que foi se constituindo ao longo da trajetória acadêmica e, para além dela, somente a própria vida. A reflexão é ao mesmo tempo tecida entre vida, o fazer artístico, a pesquisa e a prática docente em artes. Nesse cruzamento, a metodologia encontrada que correspondeu aos preceitos constituídos e ao que se quer propor para descortinar o próprio percurso, se deu pela confluência de uma Pesquisa Baseada em Arte - a A/R/Tografia para dar conta da escrita e visualidades construídas que possuem cada uma a sua própria força. No processo de constituir-se como professora de arte a abordagem particular e subjetiva de narrar o próprio percurso foi se consolidando junto as intersecções decorrentes. Sobre a formação de professor, o conceito de professoralidade de Marcos Pereira Villela permitiu o entendimento desse desenvolvimento que vai alterando-se ao longo do tempo, aperfeiçoando-se, sendo, portanto, uma ação continuada que não procura idealizações e definições estanques da professora que sou, mas do que ainda posso vir a ser.

Palavras-chave: professoralidade; livro de artista; sensorialidade; objetos propositores poéticos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
I - NO BARRO: DA LAMA À CELEIDA TOSTES	13
• Ao encontro do barro	13
• Queima na lata	15
• O Conselho das Anciãs das 13 Luas e Maria de Madalena.....	21
• Oratório-altar à Pachamama	21
• Ipupiara descolonizada	24
II - LIVRO DOS SENTIDOS: COM LYGIA CLARK E LENIR DE MIRANDA	28
• O fio da memória	28
III - CUBOS SENSORIAIS: OBJETOS PROPOSITORES POÉTICOS	39
• Avatar-educador: Aracne	39
• A participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)	41
• Percursos no Atelier Público	44
• Pausas no caminho	45
IV - PROFESSORALIDADE: A PROFESSORA QUE SOU E ESTOU SENDO	48
• Memórias de inço	48
• O desenho cego: ver com as mãos	50
V - NA ESCOLA: EXPERIMENTAÇÕES DOCENTES	53
V. 1 As cores ecológicas da impressão Botânica	54
• O despertar do olhar orgânico	54
V. 2 Sonhos, mitos e lendas: sabedorias populares	62
REDEMOINHOS FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68



[...] é o ser humano que desperta a matéria, é o contato da mão maravilhosa, o contato dotado de todos os sonhos do tato imaginante que dá vida às qualidades que estão adormecidas nas coisas [...]. E nossa tarefa, muito mais simples, consistirá em mostrar alegria das imagens que superam a realidade.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**. Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.21.

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso é o resultado de uma pesquisa que tenho desenvolvido ao longo do curso de Licenciatura em Artes Visuais desde 2014. A investigação que se manifestou potencialmente e perdurou durante a caminhada acadêmica foi de trabalhar com a memória e a sensorialidade no campo da Arte-Educação.

Durante a minha trajetória acadêmica tornou-se claro que ser artista e professora eram indissociáveis e, como professora, acredito que intrinsecamente me torno também uma pesquisadora. Ao afirmar que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (2002, p.14), Paulo Freire destaca que não é possível separar esses dois papéis, pois por meio da pesquisa nos apropriamos do conhecimento que construímos e, para que esteja presente no cotidiano da sala de aula, é imprescindível o estabelecimento de amplas relações entre a realidade prática e a teoria apreendida.

À luz da artografia foi possível encontrar o caminho para dar conta do entrecruzamento dessas três condições como forma de entender as identidades absorvidas nos processos do ser professor, ser pesquisador e ser artista, simultaneamente, em um mesmo sujeito. Qual metodologia eu utilizaria para narrar esse viver tensionado entre caminhos que convergem, se tocam, se contaminam?

A artografia é então uma metodologia viva porque, na verdade, os artógrafos estão vivendo o seu trabalho investigativo-artístico-docente, estão procurando dar uma visualidade e uma textualidade particular à sua compreensão de uma problemática eleita para investigação e estão executando, numa qualquer instituição de ensino, as suas práticas pedagógicas artísticas e, enquanto integram teoria, prática e criação através das suas experiências estético-artísticas, ‘produzem sentido’ com a sua intervenção artística. (Oliveira & Charréu, 2016).

Com a confluência do cruzamento entre a vida, o fazer artístico, a pesquisa e a prática docente em artes, trata-se de pensar na pesquisa de modo criativo e inventivo não somente no que toca aos aspectos que vão sendo produzidos, mas também em sua forma de apresentação ou compartilhamento de resultados. As imagens artísticas elaboradas são consideradas processos e produtos em sua prática de investigação/questionamento que rompem com

a disposição formal do texto escrito com o uso de procedimentos artísticos utilizados que podem se manifestar através de meios literários, visuais e performativos.

Sobre os conceitos presentes na pesquisa, a palavra percurso vem do Latim PERCURSUS, que significa “ato de percorrer”, de PER, “por completo, totalmente”, mais CURSUS, “caminho, trajeto”. O caminho, a trajetória construída, a distância permeada, o movimento impulsionado, a trilha, a passagem até chegar ao desejado, ou minimamente humano possível. Sentidos construídos pela trajetória, no percurso delineado no tempo e no espaço. Dentro e fora da academia, compreender com acuidade as marcas de minha constituição como artista-pesquisadora-professora.

O segundo conceito que discorro é a palavra SENTIDO, que possui vários usos e significados, como propósito, intuito ou intenção; fazer algum sentido ou manter a coesão; ter mágoa, que está suscetível e sensível a algo. Também se refere a um termo utilizado para caracterizar o processo fisiológico de receber e reconhecer sensações e estímulos que são produzidos através da visão, da audição, do olfato, do tato e do paladar.

Este trabalho constituiu-se por um tecer que relaciona as dimensões da arte, da pesquisa e da professoralidade. A tentativa é de compor um tecido, criado a partir dessas tramas. Entrelaçar fios, linhas de conexão entre a arte, docência e pesquisa. Ao escrever esse TCC atendo à necessidade vital de organizar a própria experiência e de compartilhar o percurso desenvolvido, o que nestes anos foi se lapidando e o que ficou ao final da decantação. As gavetas da memória remexidas pelo presente, organizadas para serem visualizadas e sentidas, são estruturantes, mas me permito estar aberta ao que virá, assim o futuro chega como um sopro na poeira.



VIGO, Daniela

MELUSIMA

Escultura em cerâmica

2019

12 x 8 x 3cm

Ritual de Equinócio (19 de março). A primeira queima na lata e o início das série sobre deidades femininas.

Foto: Carla Menegaz.

Nossa espécie é pesada. Suas criaturas são carregadas de formas. Vivemos de alguma forma. Pensamos conceitos que sintetizam formas. Calculamos formas. Tateamos para reconhecer formas. Cheiramos formas. Ouvimos alguma forma. Entramos ou saímos de forma. Estamos ou não em forma. Pelas formas, somos informados. Formas nos igualam. Encurtam caminhos. Garantem a comunicação. Apaziguam conflitos. Até nos alegram. Formas são odes do espírito humano à facilidade. É possível produzir uma enciclopédia só com formas. Porém, nem sempre foi assim. Houve um tempo em que fazíamos “deuses de pedra ou de madeira”, que nem mesmo se assemelhavam aos homens; alimentávamos, venerávamos essas imagens que eram imagens apenas de muito longe; e o fato digno de nota é que, quanto mais informes eram, mais foram adoradas, o que se observa também no trato das crianças com suas bonecas e dos amantes com suas amadas, e que é uma característica profundamente significativa.

Descrição:

Com a pandemia, o encontro com o barro. Coletar, decantar, modelar e queimar a argila. A primeira deidade surgida e ritualizada e a recriação de um brinquedo de infância com o barro coletado, um boneco de pano chamado "Fofó". O caminho escolhido para a busca da argila, memórias deixadas no terreno aberto.



VIGO, Daniela. 2020. **Memórias em poça d'água.** Terreno entre a Av. Teresópolis e Silva Paes. Primeira colheita do barro. Foto: Daniela Vigo.

I - NO BARRO: DA LAMA À CELEIDA TOSTES

Nos indagamos acerca de nossas escolhas e caminhos que fazemos, os percursos criados para ir ao encontro de um sentido e na busca incansável de experimentações, o exercício do caminhar cotidiano como poética que desvenda a materialidade da cidade tornando clara as camadas imperceptíveis. Assim, o artista devaneia, se deixa levar pelo olhar curioso e, nessa busca sensível, o barro oculto na cidade cinza, as crateras aparecem. Rasgadas para novas construções, o vermelho da terra surge, sulcada pelas retroescavadeiras, irrompe, trazendo do fundo, a lama, parte de um registro de um tempo, de histórias e memórias.

Começo a caminhar para extrair a argila de algum lugar para a feitura de um brinquedo de infância. Onde meu olhar passeia, vejo possíveis locais em meu bairro e me ocorreu, então, intuitivamente, as pequenas habitações e prédios antigos que estão sendo demolidos pelas grandes construtoras.

O que sobra dessas construções demolidas e terrenos abertos? Um grande atoleiro de barro, terra vermelha, terra sangrenta... memórias atoladas em poças de água. Os terrenos abertos, as derrubadas de árvores e o que resta da mata. Nas bordas do terreno escavado e aberto, entulhos, a escavação profunda onde a água da chuva se acumula.

A lama escorregadia se forma, da poça como espelho d'água formado pela chuva passada, reflete o céu nublado e o entorno distante. O lugar escolhido e suas histórias demolidas, famílias removidas não sei para que lugar e suas raízes rompidas para o bem ou para o mal.

Para extrair a argila, duas opções me vieram à mente: o antigo prédio

Ao encontro do barro
Sou levada a origem,
ao começo
daquilo que ainda não era
e aquilo que nem imagino ser.

No barro,
nosso corpo
poros
cabelos
olhos
A pele e a argila
se parecem.



VIGO, Daniela
FOFO: MEMÓRIA DA INFÂNCIA
Escultura em argila
2020
10 x 7 x 2cm

O barro nos toca
exige que a umidade brote
que venha de dentro.

O cheiro de barro
o faz parecer vivo
cheiro de terra molhada
pela chuva
cheiro do corpo.

No tempo amortecido
pelo doar amoroso,
ao som indefinido
entre batidas do coração
e deslizes de dedos.

O barro é feito de desejos e
de movimentos sinuosos
que lhe imprimem o som.

Daniela Vigo

do "Clube Solteiros", frequentado pela minha mãe e avó, e o terreno que havia sido aberto recentemente, que fica entre a avenida Teresópolis e Silva Paes.

Optei pela segunda escolha pelo terreno aberto. Uma casa antiga e um vasto muro branco isolava a área terminando em uma oficina de carros.

Com a demolição das casas e das árvores, pude ter a dimensão da área devastada. Pelo *Google Maps* percebo ainda que a área é bem mais extensa do que se imagina. Me deparei com a mata circundante, as pedras grandes no terreno mais alto onde o verde da mata persiste.

Colhi o barro. Procurei as bordas por serem mais maleáveis e cremosas. Ao entorno da poça d'água, a decantação a céu aberto. A gravidade atuando, depurando lentamente e a massa se formando.

A partir de uma memória de infância, moldo o boneco de pano que minha avó Ariadne fazia, através da argila. As mãos habilidosas de enfermeira-parteira, lembro de suas curas quando massageava minha barriga com dor. A partir do boneco, a inspiração para a criação, o brincar, o refazer e o desfazer. Entre agulhas, tecidos, tesouras, linhas. Criar os próprios brinquedos. O nome do boneco de pano era "Fofó", pois era macio, flexível ao toque e não era gelado como as bonecas de plástico.

Antes do ser humano, o barro estava presente, a reminiscência cósmica o habita, a memória dos minerais, vegetais e animais em decomposição que o compõem. O barro foi o elemento primordial na produção da poética de Celeida Tostes. Com a obra "Passagem" a experiência artística é reformulada radicalmente. Obra que sintetiza suas características fundamentais com a fusão entre escultura e performance,

ênfatizando a criação no processo artístico com a destruição do material que integra a pr3pria obra.

Meu trabalho 3 o nascimento. Ele nasceu como eu mesma nasci - de uma relação. Relação com a terra, com o orgânico, o inorgânico, o animal, o vegetal. Misturar os materiais mais diversos e opostos. Entrei na intimidade desses materiais que se transformaram em corpos cerâmicos. Começaram a surgir bolas. Bolas com furos, com fendas, com rompimentos que me sugeriam vaginas, passagens. Senti então a necessidade imensa de misturar-me com o meu material de trabalho. Sentir o barro em meu corpo, fazer parte dele, estar dentro dele. (RODRIGUES, 1998, p. 19-20).

Ao usar o barro como matéria orgânica de refinamento estético, encontrou no corpo a sua expressividade poética, a obra de Celeida Tostes rompe com os vínculos da cerâmica tradicional dando ao barro autonomia no campo artístico. Coloca na origem o barro, nós somos o barro. Fiel a sua matéria, matéria quase que religiosa, trabalhou com o símbolo, a terra, o sexo, a relação do corpo com a terra em analogia a pr3pria natureza germinal.

"A memória que veio do barro", Celeida costumava a se referir ao vínculo que possuía com a terra, uma profunda conexão com a matéria que a levava a realizar experimentos sensoriais, constituindo a força vital que impulsionava a sua vida. Ao romper com o tradicional processo cerâmico prop3e uma nova forma de fazer arte, preocupada com as relações humanas constituídas o processo artísticos promovendo a participação do público de forma ativa ou efetiva em suas propostas na construção de significados coletivos, mesmo que sua atuação seja individual.

Queima na lata

Em noite escura
a argila 3 queimada
tilinta,
sussurra,
treme ao fogo,
queixa-se de sua dor
purificadora.

Depois da queima,
sentir por entre as mãos
as peças mornas.

A leitura silenciosa,
o reconhecimento da autoria
pela intimidade criada com a
obra.

No processo de queima
o registro simbólico petrificado
sela sua permanência na terra.

Daniela Vigo

Despojei-me
Cobri meu corpo de barro e fui.
Entrei no bojo do escuro, ventre
da terra.
O tempo perdeu o sentido de
tempo.
Cheguei ao amorfo.
Posso ter sido mineral, animal,
vegetal.
Não sei o que fui.
Não sei onde estava. Espaço.
A história não existia mais.
Sons ressoavam. Saíam de
mim.
Dor.
Não sei por onde andei.
O escuro, os sons, a dor, se
confundiam.
Transmutação.
O espaço encolheu.
Saí. Voltei.

Celeida Tostes

Fonte: arteonline.arq.br/museu/intervIEWS/celeida.htm



TOSTES, Celeida
PASSAGEM
Performance
1979
Foto: Henri H. Stahl

Celeida transgride com as normas vigentes do academicismo, suspende certezas e desapega-se de uma definição de um obra pronta transformando utensílios do cotidiano em arte. No que se refere ao tema da feminilidade em sua obra, a manifestação não é reduzida ou domesticada, mas é utilizada mecanismo de liberdade e de transformação.

A artista transitou entre comunidades das mais abastadas e de baixa renda, criando ponte entre o erudito e o popular, entre o sagrado e o profano.

**Descrição:**

Queima na lata com serragem fina e grossa, jornal e pedaços pequenos de carvão. O vídeo apresenta as etapas da queima artesanal feita no período pandêmico (2020/1).



<https://youtu.be/Y18YCnEJ8g4>

QUEIMA ARTESANAL NA LATA



Descrição:

Desenho instalado, assemblagem e performance presentes na exposição "Museu Baldio", em 2021 no espaço Maria Lygia Magliane, na Casa de Cultura Mário Quintana.



VIGO, Daniela

**O CONSELHO DAS ANCIÃS DAS 13 LUAS E
MARIA DE MADALENA**

Assemblagem e desenho instalado

Galhos de videira, fita cetim vermelha, fios de
poliéster, argila e escultura

1,75 x 1,54 x 1,28cm

2021

Foto: Marcelo Chardosim



VIGO, Daniela
MARIA DE MADALENA: VASO-VENTRE DE ALABASTRO
Escultura em argila
2021
21 x 15 x 11cm
Foto: Marcelo Chardosim

O registro em vídeo da performance foi realizado no dia de de Maria de Madalena, dia 22 de julho. A performance teve como foco a afirmação do corpo por meio da ação lenta ao caminhar, percorrer o espaço expositivo e ritualizar através de gestos e preces até chegar à escultura.



https://youtu.be/_cARycq4Oo0

O Conselho das Anciãs das 13 Luas e Maria de Madalena

Criar a partir de algo que iria ser descartável propondo sua reutilização por questões que envolvem a consciência sobre o lixo que se acumula em nosso planeta que chega ao esgotamento de recursos naturais. Os galhos de uma poda aproveitados para conceber o Conselho das Anciãs das 13 Luas, a necessidade de ouvir a Terra, de estar em comunhão com os sentimentos mais profundos que ela desperta. A videira entra em estado de dormência com o inverno, cortar seus galhos é necessário para o seu renascimento.

A lenda é uma tradição oral passada entre mulheres de tribos nativas norte-americanas. São 13 anciãs regentes das lunações que atuam como portais de conhecimento do Sagrado Feminino e, quando integradas, formam o corpo da Mãe Terra, o casco de tartaruga. A tartaruga é a grande guardiã do tempo e nos lembra para nos mantermos enraizados na Terra e reaprender a ouvi-la.

A grande Tecelã do Universo alinha os 13 círculos entrelaçados da videira para recriar esse espaço sagrado. A linha sai de seu ventre, cria caminhos na vida, conecta, entrelaça e segue fluida. Ao centro do Conselho das Anciãs, a filha da Terra, Maria de Madalena. O seu ventre é o próprio vaso de alabastro. Ela ungiu Yeshua e o tornou messias, previu sua morte e foi testemunha de seu renascimento. Sua presença no centro da Casa me faz refletir sobre a falta do feminino em nossa cultura e o impacto desastroso que isso traz ao planeta. Vivemos em um mundo onde o princípio masculino foi priorizado e manifestado de forma dominante, criando uma sociedade amparada na ganância, superexploração e destruição dos recursos naturais vitais para o ecossistema e a vida de nossa espécie.

Oratório-altar à Pachamama

Oratório-altar dedicado à Pachamama, deidade andina que representa a Mãe Terra. Presente em muitas culturas, também é chamada de Gaia, Mulher Aranha, entre outros nomes. A memória ancestral despertada a partir do gesto repetitivo, no tatear com as pontas dos dedos entre fios e argila no processo artístico ritualístico.



Montagem do Oratório-Altar à Pachamama.
Foto: Marcelo Chardosim.



VIGO, Daniela

ORATÓRIO-ALTAR À PACHAMAMA

Desenho instalado e assemblagem
Fios de poliéster, galhos de videira,
lata da queima artesanal, artefatos
cerâmicos e deidades femininas em
argila e cerâmica, bordado, serragem,
carvão, folhas de videira, majericão
hortelã, arruda, canela, anis estrelado
2021

85 x 65 x 55cm

Foto: Marcelo Chardosim

Para essa instalação, utilizei os fios de poliéster de minha máquina de costura overlok. Das linhas de desenho inscritas no papel, fui para uma concepção expandida do desenho. Linhas que criam tramas, tessituras, conexões, labirintos, conferem estabilidade ou instabilidade ao trabalho, fios que se estendem no espaço, vindos do corpo, uma produção permeada pelo caminhos que se cruzam, em vários sentidos de um percurso. Trago, por último, a artista Edith Derdyk, influente na minha proposta artística pela produção diversa que deriva do território desenho, como gravura, escultura, fotografia, livro-objeto, vídeo, palavra ou instalação.

O fio é algo muito simples: apenas uma linha no espaço. Mas é também algo de muito complexo: um novelo, um emaranhado. O fio sustenta a estrutura (teia de aranha, cordame, rede de ligaduras), mas pode também se desfilar e, de repente, se romper. Ele se junta (fiação, malha) ou se alinhava (laço, franja, trança). Ele traça um destino (as Parcas), nos aprisiona (amarrar, laços) ou se divide em quatro (racionalizações, argúcias, subterfúgios). Guia-nos para o melhor (Ariadne, curso d'água) ou nos extravia para o pior (cipós, cardos). O fio liga, encadeia e dá curso. Ou ao contrário, corta, afia, amola e faz romper. O fio está sempre por um fio. Essa é sua beleza – seu belo risco – e sua fragilidade. (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 31-32)

As instalações Moiras de 2019 de Edith Derdyk, a artista não coloca a relação direta com o mito, porém, o coloca como uma espécie de pano de fundo. As linhas são dotadas de sentidos, o destino é a questão pulsante.



As linhas, elemento transitivo e transitante, elas vem e se vão, saem e chegam.

Como diz a artista sobre o processo constitutivo ser "meio aracnídeo" embora a trama demanda trabalho e cansaço, resulta em leveza e fluidez por sua aparência. Tanto esforço físico despendido para que ao final a obra seja desfeita, em alusão à terceira Moira que corta o fio da vida.

O desenho é feito de linhas.

A linha mede e potencializa a sutileza do limite: divisória incerta.

Ponto de partida e ponto de chegada, ao mesmo tempo.

O meio é o lugar.

A linha possui uma natureza dupla: percurso mental e traço material. É carne e ossatura.

A linha empresta o contorno do mundo e caminha pela superfície das coisas.

A linha desenha os espaços entre as coisas do mundo, sem ser totalmente alguma delas.

A quem pertence a linha do horizonte: ao céu, ao mar, à terra? (DERDYK, 2014, 169)

O obra de Edith Derdyk me sensibiliza pois provoca a reflexão de como entendemos o espaço e como o desenho vai além do papel. A linha que costura, perfura, transpassa e se estende e modela a espacialidade. Excelência em sua obra em sua obra, a linha que "desenha, modula, modela, territorializa o espaço e convoca temporalidades (DERDYK, 2018, p. 2).

A artista que se considera uma costureira, possui uma pesquisa dentro do universo do Livro de Artista. Palavra e imagem estão entrelaçadas com uma produção que origina-se do desenho, pelo criar, riscar,

Ipupiara descolonizada

"Ipupiara" deriva do tupi antigo Ypupîara, que significa "o que está dentro d'água" (y, água, pupé, dentro e ygûara, morador), ou "aquele que reside ou jaz na fonte"; "o que habita no fundo das águas". A lenda indígena fala desse ser misterioso, visto pelos colonizadores como hostil e monstruoso inicialmente. Os relatos mais antigos nascem com a colonização.

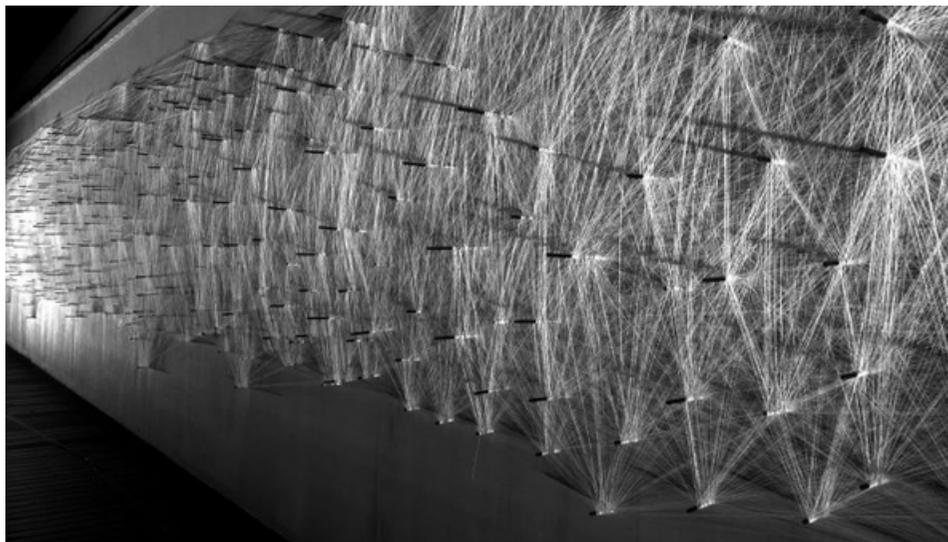
A lenda sofreu modificações ao longo de três séculos após o primeiro relato, Ipupiara passa se chamar em lara, a sereia das águas, a imagem de monstro ou demônio é sublimada pela representação da sereia sedutora com profundas influências européias.

O grito das sereias, o estertor da agonia, entre a morte e o prazer, rouco que

provoca, desperta o apelo como de um bebê que utiliza do grito para trazer sua mãe junto a si. Ouvir o que tanto tememos e desejamos, a voz alucinada das sereias. A voz agonizante de Ipujiara é narrada como um choro lamentoso e rouco que ele emitia após sufocar suas vítimas até a morte.

Retorno ao mito procurando ouvir o canto primordial, buscando a origem. A argila veio do mesmo lugar que retirei a primeira coleta, no terreno aberto entre a Av. Teresópolis e a Av. Silva Paes. O barro já não é mais o mesmo, encontro mais areia e sedimentos.

A artista que se considera uma costureira, possui uma pesquisa dentro do universo do Livro de Artista. Palavra e imagem estão entrelaçadas com uma produção que origina-se do desenho, pelo criar, riscar, rabiscar, rascunhar, escrever, tecer e textualiza em fronteiras entre as linguagens são transbordadas. Seu interesse está mais na experiência da ação do que no processo final, o corpo como instrumento do desenhar, o fazer e o desfazer, restando os resíduos poéticos, registro de sua obra transitiva.



DERDIK, Edith
MOIRAS
Instalação
2019
SESC São Paulo
Foto: Rosa Antuna

Modelagem



Queima na lata



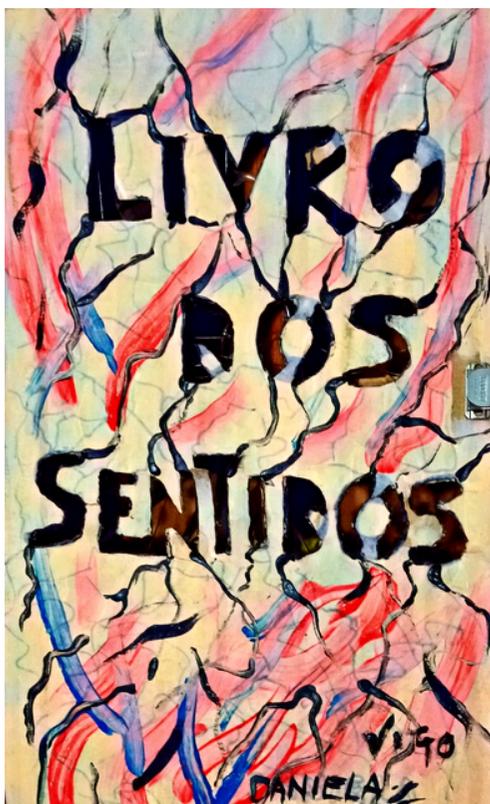
Resultado da queima



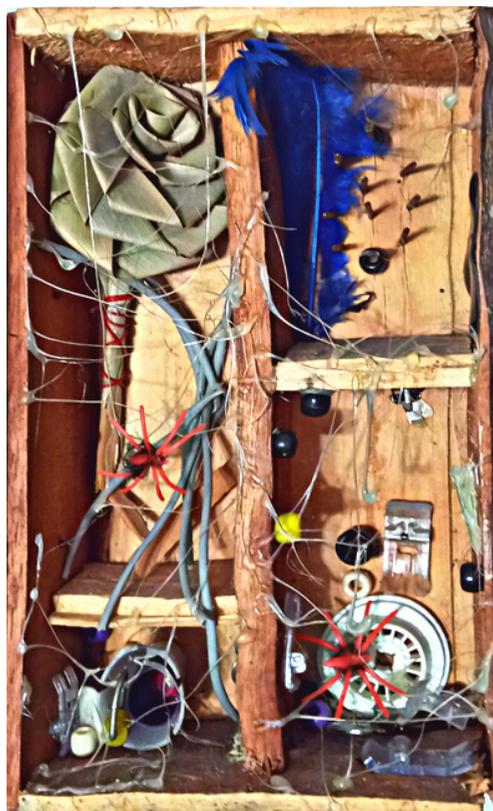
VIGO, Daniela
IPUPIARA DESCOLONIZADA
Escultura em argila
2021
30 x 27 x 3cm

Descrição:

Livro de artista feito de madeira reaproveitada de caixa de verduras, aranhas de plásticos, pregos, flor feita de bananeira, pena, acessórios de máquina de costura, coração de cristal, guizo e cola quente. A capa é de papelão vazado e pintado com tinta acrílica. Em seu interior estão os 4 gabinetes com objetos que guardam a memória sensorial, sentidos reacordados pela leitura com os dedos das mãos, sensações advindas pelo toque. Livro de memórias concretas que falam do desejo do não esquecimento, sejam as memórias boas ou ruins.



VIGO, Daniela
LIVRO DOS SENTIDOS
Assemblagem com objetos e pintura
2015
26 x 18 x 6cm



Link para vídeo que explora os referências artísticas para a criação do *Livro dos Sentidos* e adentra em seus 4 gabinetes tensionando os significados dos objetos em seu interior.



<https://youtu.be/H3LaNjC6-H8>

II - LIVRO DOS SENTIDOS: COM LYGIA CLARK E LENIR DE MIRANDA

Um livro de memórias concretas, dos sentidos despertados pelo toque, pelo cheiro, cor, textura e som. Quando criança, tornou-se hábito trazer para minha casa pequenas pedras que encontrava no caminho. Sentir sua forma na palma da mão, deslizar os dedos em suas ranhuras, perceber suas particularidades. As mãos buscavam à noite suas formas até o sono vir. Depois vieram as brincadeiras com as cápsulas do tempo. Guardar em latas de biscoitos cartas escritas para o futuro, deixando em seu interior velhos brinquedos, flores, pedras... No jardim, cavar um buraco profundo, enterrar a cápsula e ficar a imaginar o encontro inusitado daquele que iria descobri-la no futuro.

Guardar a memória, de um habitar no mundo e em si, preservar vivências afetivas através de objetos significativos. O *Livro dos Sentidos* guarda, em seu interior, os artefatos que despertam sensações, aguçam os sentidos, preservam o registro do tempo, trazendo narrativas construídas a partir da experiência sensorial.

A primeira lembrança despertada para a sua feitura foi da infância, a casinha pendurada na parede da casa de minha tia paterna que, durante a noite, ganhava vida quando as luzes se apagavam até o sono vir. Frontal e aberta, com dormitórios, cozinha, sala, escadas e banheiro, que dividiam os seus três andares. Sob sombras e feixes de luz da claridade que vinha das frestas de uma janela, ficava a olhar imaginando vida na casa com personagens em cena, desenhando vivências com meus olhos semiabertos até adormecer.

O fio da memória



VIGO, Daniela. **HERANÇA GESTUAL**. Arte digital. 2021

Sentada em uma cadeira e sobre a classe, a menina desenha. A ponta do lápis obedece a mão pequena e percorre um caminho sinuoso sobre a folha branca de ofício. Ela está de frente para a porta da sala de aula, a classe e cadeira acham-se deslocadas de sua forma usual.

O chão de madeira carcomido pelo cupim, as cadeiras frias e duras de metal nos pés com encosto de madeira e no assento, as cortinas das janelas

cor de creme desbotadas, pesadas e afastadas para deixar entrar a claridade de um dia cinza e úmido de outono.

Os olhos atentos da menina acompanham a linha traçada por suas mãos. Apaga a linha em falso e sopra as migalhas da borracha e o seu cheiro se mistura com o pó do giz branco do quadro negro. É recreio, mas ninguém quer sair da sala de aula.

O som da inscrição do lápis na folha parece um monólogo de cochichos apressados e desafiadores. Três ou cinco colegas fazem fila em frente a classe da menina que observa a euforia e contentamento quando entrega o desenho para eles feito pelo próprio punho.

Ela experimenta o gesto repetitivo, é o mesmo desenho com pequenas nuanças e

A segunda memória ativada foi a dos oratórios que passavam de casa em casa em algumas cidades do interior e alguns bairros de Porto Alegre. Foi meu delírio imaginativo na fase da pré-adolescência. Em Tapes, morando em uma casa antiga, noites longas e frias, ouvindo o coaxar de sapos, o farfalhar dos morcegos, o chirriar dos grilos. A luz acesa, já não mais a meio fio. O sono que não vinha. O evitar de olhar o oratório, a essa santa que parece viva e vigilante.

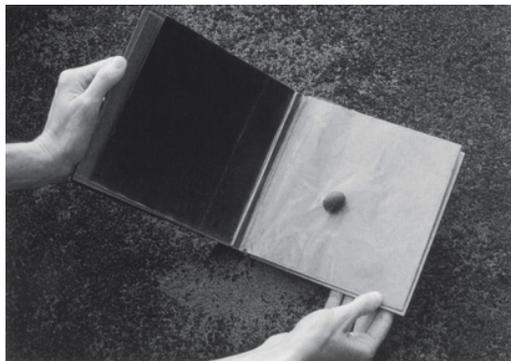
Não há uma santa para se fazer prece no *Livro dos Sentidos*, mas uma carga de pessoalidade nos objetos, como registro arqueológico inconsciente e da própria existência que considera-se sagrada e, ao mesmo tempo, profana. Os objetos como receptáculos do vivido, dos desejos, intuições, rupturas e sensações que pertencem ao cotidiano dos afetos. Um livro de memórias concretas a serem sentidas.

A criação do *Livro dos Sentidos* dialoga com "Livro Obra/Livro Sensorial" (1964), referencial em meu trabalho, desenvolvido por Lygia Clark em sua aventura sensorial. Um livro sem texto que guardava em páginas de plástico, uma coleção de volumes, como conchas, novelos de lã e pedras, para serem experimentados pelo toque, como em um livro em braile.

Na fase sensorial do meu trabalho, que denominei de "Nostalgia do corpo", o objeto ainda era um meio indispensável entre a sensação e o participante. O homem encontra seu corpo através das sensações táteis realizadas em objetos exteriores a si". (CLARK apud MILLIET, 1992, p. 123).

Nessa fase, os objetos criados por Clark convidam à experiência individual, funcionam como entidades vivas, tal como são as partes manipuladas e reconhecidas de nosso corpo.

A primeira proposição da série "Nostalgia do Corpo" foi em 1966, chamada de *Pedra e Ar*, surgiu a partir de um plástico que envolvia a sua mão engessada. Em seguida ela retira o plástico de sua mão e o enche de ar, fechando com um elástico e sobre essa "bolsa de ar", coloca um pedrinha. Com as duas mãos, Lygia pressiona a bolsa, fazendo a pedrinha subir e descer, de maneira a manter o equilíbrio para não e o tateia, que é conduzido disposto a derrubar a pedra, encontrando nos movimento lentos e cuidadosos o conectar-se na interação bolsa - ar - mão - pedra. Decorre da experiência a analogia com o corpo, a percepção de uma coisa viva. (CLARK, 1997, p. 205).



CLARK, Lygia
LIVRO OBRA/LIVRO SENSORIAL
1966



CLARK, Lygia
PEDRA E AR
1966

sutilezas, mas a mesma essência. Com o tempo seu traço é mais certo e rápido, forte, firme e preciso. Ela perde o medo.

Voltamos no tempo, no dia em que a menina pede a sua mãe um desenho. A mulher desenhada traja um longo vestido, como se estivesse em movimento, tinha um coque no alto da cabeça e cabelos levemente encaracolados. Os detalhes marcantes, como os cílios, os delicados dedos das mãos, os sapatos de pontas finas, nunca esquecidos.

Para além de reproduzir o desenho da mãe, a filha entrega-se ao fazer, doa sensibilidade de uma herança gestual. O tema era de artes, quem se lembra? Alguém lhe pede uma cópia, ela diz sim, determina que é capaz, e faz, um a um, sem pestanejar. Qual é a reação da professora ao ver aqueles desenhos semelhantes, ela percebe que

são cópias de uma fonte original? Provavelmente a menina não se lembra. Esquecer algo é inevitável.

Desde pequena a conversa silenciosa com desenho, uma pausa necessária, um tempo meditativo, o encontro consigo mesmo. As linhas, os olhos expressivos com o desenho feito à caneta bic.

A sua presença nos cadernos de aula, as histórias criadas em quadrinhos e os diários feitos de sonhos na adolescência, as poesias com ilustração.

O desenho sempre foi para mim algo terapêutico, como um ritual. Vinha de dentro, um registro de um momento. Uma flor colhida de um encontro guardada entre as páginas, seguida de um poema. Escrita e desenho com a mesma potência.

Lygia então se propõe a realizar novas experiências através do "Livro Sensorial", um livro em que a palavra não existe e seu sentido não é dado, aberto ao pensamento daquele que assumir um sentido para si, responsabilizando-se pela criação de uma narrativa própria. Ao final do livro, se encontra um espelho, o reencontro consigo mesmo após a exploração tátil e visual, o espelho como expressão desse viver estranho. (CLARK, 1997, p, 206).

O trabalho artístico de Lenir de Miranda, como coloca Paulo Silveira (2001, p. 236), podemos perceber que o tato é uma ferramenta perceptiva potente e referencial em seu trabalho. Os livros de Lenir, antes de mesmo de senti-los em nossas mãos, pressentimos apenas pelo olhar como a experiência tátil é influente.

A obra de Lenir é atravessada, de um modo geral, pela palavra literária, em especial, escrita por James Joyce (1882-1941) em "Ulisses" (1922). A artista compreende seus livros como sinestésicos, pois propiciam uma profunda experiência estética mobilizando conjuntamente os sentidos. A ideia de transitividade entre os sentidos é relevante para se entender os livros de Lenir de Miranda que lida com uma riqueza visual e tátil nos livros criados.

Nas palavras de Lenir de Miranda, na outra margem da obra está o corpo que a percebe e a completa, "cúmplice do artista", o "âncoradouro da obra" (2003, p. 113-114). O tatear é uma experiência que envolve não apenas as mãos mas todo o corpo e todos os sentidos. Abrir-se ao corpo perceptivo e tátil, permitir que o corpo toque, explore, experiencie, se prolongue em cada espaço do livro e se desdobre em si mesmo. Assim, decorre na experiência de folhear livros de artista que os sentidos se interpenetram pelo encontro entre o livro e o outro que irá realizar a leitura

de suas páginas, sensações despertadas e a vivência física estabelecem um movimento sinérgico o que faz com que esses livros se tornem espaços que fomentam a combinação dos sentidos.



MIRANDA, Lenir

LIVRO DE UM SÓ

Acrílico, grafite, goma-laca, verniz sobre tecido, entretela e ferragens

1994

23 x 28 x 20 cm (6 folhas)

Minha mãe tinha por costume fazer a face de mulheres a meio perfil em revistas de palavras cruzadas, acompanhava seu traçado, sua carga emocional e fluidez, depois vieram as quadros pintados à tinta óleo e a literatura. Os contos e livros escritos à mão, passados para máquina de escrever, tão visuais e musicais.



Sou da família dos batráquios: através da barriga, vísceras e mãos, me veio toda a percepção sobre o mundo. Não tenho memória, minhas lembranças são sempre relacionadas com percepções passadas, apreendidas pelo sensorial. Num lapso de segundo eu me sinto tomada pela quentura da mamadeira na palma da mão, acompanhada pelo gosto do leite morno que desce devagar, deixando um rastro de bolhas atrás de si. Experiência esta, talvez a mais remota dentro da minha vivência, inscrita no meu passado, que se faz presente ainda hoje.

CLARK, Lygia. Breviário sobre o corpo. In. **concinnitas** | ano 16, volume 01, número 26, julho de 2015, p. 165.

Descrição:

Como objetos propositores poéticos, os *Cubos Sensoriais* exploram o jogo e a ludicidade. A experiência é única com a manipulação dos elementos contidos em seu interior. O sentido tátil, o cheiro, o som são estímulos ou gatilhos para que a memória seja despertada.



III - CUBOS SENSORIAS: OBJETOS PROPOSITORES POÉTICOS

VIGO, Daniela

CUBO SENSORIAL I - NA MATA

Assemblagem

Papelão, folhas, samambaias, suculentas, plantas com texturas diversas, amoeba e óleo essencial de Jurema Branca

2019

20 x 20 x 20cm

VIGO, Daniela
CUBO SENSORIAL II - INFÂNCIA
Assemblagem

Papelão, pinhas, fios de nylon, popom com talco de bebê e
papel celofane com bolinhas de gude em seu interior
2019
20 x 20 x 20cm





VIGO, Daniela

CUBO SENSORIAL III - O QUARTO

Assemblagem

Papelão, grão de sagu, algodão, mini-jogo pedagógico tátil, guizos, fios de nylon, escada, bercinho, aranha de plástico, cravo, paninho e gato de biscuit e essência lavanda

2019

20 x 20 cm x 20cm

VIGO, Daniela.
CUBO SENSORIAL IV - CRENÇAS DO MAR
Assemblagem

Papelão, sal grosso, pedrarias, um terço, estrela do mar de brinquedo,
buzios, plástico bolha, fios de nylon, alecrim e essência marina
2019
20 x 20 x 20cm





VIGO, Daniela

CUBO SENSORIAL V - FLUIDOS

Assemblagem

Papelão, fios de nylon, papel celofane com água, moedas, chave e coruja de gesso em seu interior

2019

20 x 20 x 20cm

Avatar-Educador: Aracne

No primeiro semestre do curso de licenciatura em Artes Visuais na UFRGS, instigada a fazer um trabalho de arte em que o professor era um avatar. A personagem encontrada veio da mitologia e da própria memória: Aracne.

Lembrei de minha avó Ariadne e de suas histórias. O nome emblemático de uma deusa e de uma mulher que desafiou a sociedade. Começou a trabalhar com 12 anos como tecelã em fábrica de tecidos; analfabeta, passou a ter aulas com uma senhora. Associava letras formando palavras, aprendeu rápido. Casou cedo e se desquitou em pouco tempo, não aceitou a submissão, numa época marcada por preconceitos. Cursou enfermagem com ênfase em partos em Pelotas. Tornou-se notória na cidade de

II - CUBOS SENSORIAIS: OBJETOS PROPOSITORES POÉTICOS

Entre a inquietude de ser educadora há uma fresta em que as coisas se desdobram em seu próprio tempo. O tempo já não é mais das horas mentais determinadas, o tempo é das sensibilidades, do afrouxamento das rígidas estruturas. Em aula, a entrega ao criar, a exploração da imaginação. O emergir da criação e potencialidades.

Em sala de aula, a criação de objetos que provocam os sentidos: os *Cubos Sensoriais* como forma de explorar campo do sensível submerso pelas memórias.

A concepção dos *Cubos Sensoriais* como material didático partiu do trabalho sensorial desenvolvido com o *Livro dos Sentidos*. Livro que também pode ser trabalhado em sala de aula. Cada aluno poderia criar o seu de acordo com a sua história. Elaborados com cores, texturas, forma e objetos escolhidos. A sala de aula como território de investigação dos sentidos, sensibilidade e memórias. Ao final, os livros seriam partilhados, "lidos" pelo o outro.



Apresentação dos *Cubos Sensoriais*. Criação de Materiais Didáticos, 2019/2. Foto: Andrea Hostaetter

Foram elaborados 5 cubos sensoriais. Como forma de aguçar os outros sentidos, os olhos deveriam ser vendados. Após explorar cada cubo, os alunos registrariam com desenhos ou a partir da escrita os elementos percebidos, as memórias trazidas com a experiência, sensações e sentidos despertados. As caixas sensoriais têm como objetivo provocar sensações e suscitar referências imagéticas que buscamos na memória para decodificar o que se apresenta numa caixa com a ausência da visão.

O primeiro momento é da exploração do cubo feita com uma das mãos. A segundo momento é da descrição dos objetos. Ao final, cada aluno irá compartilhar suas impressões com o grupo, expondo o que sentiu com a experiência sensorial, as referências e estratégias para percepção dos objetos, as imagens surgidas e as memórias trazidas.

A aula foi realizada na escola Anne Frank em 2019 para um grupo de 23 alunos da EJA do ensino médio. Cada aluno recebeu uma folha em branco e uma caneta para o registro das sensações e percepções. Após a experiência, ainda com os olhos vendados, foi pedido que registrassem por meio de palavras-chave ou através de desenhos, os sentimentos e as sensações despertadas.

A experiência sensorial permitiu a fragmentação do tempo linear da escola e os fazeres rotineiros. O aluno foi convidado a entrar no jogo, estimulado pela curiosidade e ludicidade. A quebra da linearidade no cotidiano da aula gerada com a experiência dos *Cubos Sensoriais* trouxe a possibilidade de o sujeito ressignificar a produção dos sentidos. Os depoimentos sobre a experiência convergiram para o sentido da construção de cada cubo. Memórias afetivas foram sensibilizadas. As imagens relatadas foram as seguintes:

Rio Grande/RS, subverteu rótulos. Cuidou da artista Tarsila do Amaral no final de sua vida, partilhou com ela jantares com os poetas e artistas.

Então, projeto a imagem dessa semideusa e de minha avó de poderosa força para ser uma educadora da Arte. O Fio de Aracne desde o começo presente no percurso de minha formação docente.



VIGO, Daniela
AVATAR-EDUCADOR: ARACNE
 Desenho
 Papel veludo e lápis pastel seco
 2014
 23 x 21cm

A participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)

Com o PIBID atuei com as turmas do ensino médio integrado da Escola Estadual Senador Ernesto Dornelles. Ingressei no programa no final de 2016 e permaneci até o começo de 2018. Os projetos que desenvolvi foram de curadoria e oficina Cianotipia, atuando junto à Professora Sandra Olinda Matos.

Pouco depois da ocupação das escolas em 2016, iniciei minhas proposições com a ideia de instalação a partir dos projetos dos alunos.

Em 2017, trabalhei com a técnica de cianotipia em tecido para que os alunos pudessem estofar as cadeiras restauradas. Fomos na Praça General Osório próxima à escola, para buscar, próximo

A casa da vó, o cheiro do armário da vó, o cuidado do avô, cheiro da terra do canteiro do vô Bigo Bigo; bicho de mato; o cheiro de talco, carinho, acolhimento, infância, bumbum de nenê; a escada que levava ao quarto, o momento da angústia até chegar no gato que estava no berço, a sensação boa do encontro com o aconchego, proteção; sonolência; erva doce, anis, pão que despertou a fome, pitanga; essência coala, canela, erva doce, lavanda; praia, conchas na areia, preocupação, amizade, passado; caixa de balas do pai; Hora do Rosário, Hora de Cuidar, Hora dos meus bebês, Hora de Sonhar; pluma do talco, banho, banheiro; agonia, campo, espera, quarto abandonado; texturas, cheiros, guizos, sons, gostos, flor de cemitério suculentas; bolinhas de sagu; pequenos mundos.

Um morador de rua, que frequentava as aulas, me sensibilizou por sua fala quando indaguei à turma o que sentiram: "Professora, eu me senti assim", apontava para o desenho em que havia feito em que se desenhava dentro do cubo sensorial demonstrando sua experiência sensível. Os *Cubos Sensoriais* são como pequenos mundos criados, pequenas instalações portáteis.

Sei o quanto foi desafiador para a grande maioria dos alunos explorar sensorialmente os *Cubos Sensoriais*. A venda nos olhos distorceu a experiência sensorial. O aluno foi convidado a entrar no jogo, estimulado pela curiosidade e ludicidade. A quebra da linearidade no cotidiano da aula gerada com a experiência trouxe a possibilidade de o sujeito ressignificar a produção dos sentidos.

Apesar da restrição da fala durante o processo, muitos não se controlavam, o que contagiava o ambiente. Ao passar o cubo de um aluno

para outro, a surpresa e a estranheza, algo de inusitado os aguardavam.

Em 2019/1, durante o Laboratório de Construção de Materiais Didáticos, com a professora Andrea Hoffstaeter, os *Cubos Sensoriais* foram concebidos e elaborados com o objetivo de ser um jogo lúdico-pedagógico, um material didático propositor e poético. A ideia era estimular a percepção e a partir da experiência dos participantes, suscitar memórias acionadas pelo toque, cheiro, audição, despertar os sentidos, evocando-os simultaneamente.

A abordagem de “professor-propositor” fundamenta-se pela concepção desenvolvida por Gisa Picosque e Miriam Celeste Martins (2004), mas a origem do termo proposição se deve a Lygia Clark que propõe ao participante produzir o sentido a partir da sua própria criação.



Experimentações com os Cubos Sensoriais, 2019/1. Foto: Andrea Hofstaetter.

à escola, as plantinhas para serem utilizadas nos tecidos.

A Oficina de Cianotipia ofereceu a possibilidade dos alunos aprenderem a técnica em tecido, a mistura dos químicos utilizados, a composição e a criação da estampa com a exposição de seus trabalhos na Mostra de Design na escola.



Mostra de Design na Escola Ernesto Dornelles. Técnica de cianotipia em tecido. 2018/1. Foto: Sandra Matos.



Mostra de Design na Escola Ernesto Dornelles. Técnica de cianotipia em tecido. 2018/1. Foto: Sandra Matos.

Para Lygia Clark e Hélio Oiticica, o artista é o propositor (...) Com eles, somos também propositores quando lançamos nossas aprendizagens na criação, na produção do sentido, no enfrentamento do não saber... como na experiência com a fita Moebius, e Caminhando, obra de Lygia Clark (1954), movemos o outro e a nós mesmos para viver experiências estéticas, não mais de maneira exposta na escola que só valoriza o fazer, mas na consciência de si, na percepção dos próprios processos de criar, pensar, produzir significados de se colocar vivo na experiência, de compartilhá-la com outros na conversa que só torna espaço do diálogo, de enfrentamento da diferença, da inquietude da aprendizagem das nossas amarras conceituais. (MARTINS, 2011, p. 313).

O professor como propositor é um "escavador de sentidos (MARTINS. PICOSQUE, 2012, p. 116), pois instiga o aluno a se tornar criador, proporcionando ao docente o estímulo no processo de ensino-aprendizagem. Através dessas práticas pedagógicas propositoras, a ênfase está no experimento do sujeito, reflexão e trocas com os outros. O território contemplativo passivo lhe é tirado, exigindo-lhe um papel ativo e fruidor do participante, convocando todos os sentidos para se comunicar com a obra, mas também recriá-la.

Os *Cubos Sensoriais* possuem forte influência no conceito de "Objeto Propositor", formulado sob a liderança de Mirian Celeste Martins junto ao seu grupo de pesquisa. O Objeto Propositor, tem como inspiração o trabalho desenvolvido por Lygia Clark que produziu objetos propositivos que convidavam o público a participar e a interagir, propiciando o encontro expressivo e autoral dos participantes.

O conceito de Objetos de Aprendizagem Poéticos de Tatiana Fernández também foi pertinente no trabalho que desenvolvi com os cubos. Para embasar sua pesquisa, Fernández utiliza como conceito referencial os Objetos de Aprendizagem, que passou a ser utilizado no começo do século XXI na literatura, associado ao uso na educação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação e no discurso denominado Economia da Aprendizagem (FERNÁNDEZ e DIAS, 2015, p. 2). Fernández se apropria do termo para a criação de artefatos a partir de uma perspectiva metodológica baseada no ensino das artes. O conceito ganha uma dimensão poética dos objetos que promovem experiências estéticas, termo que passa a ser utilizado na literatura contemporânea no Brasil. (FERNÁNDEZ, 2016, p. 274).

Os OAP são, portanto, objetos especialmente pensados para reinventar e reconstruir conhecimento que continua a se transformar. Isso significa provocar novas formas de pensar e se relacionar com os conhecimentos. Assim, pensar na constituição de OAP já é, em si mesmo, um ato poético que exige pensar nas dimensões em que acontece a experiência estética e pedagógica. (FERNÁNDEZ e DIAS, 2015, p..9).

Em sua tese de doutorado intitulada "O evento artístico como pedagogia", de 2015, Tatiana Hernández, defende a aproximação de práticas pedagógicas de práticas artísticas e, desse encontro, a ideia de Objeto de Aprendizagem se constitui no cruzamento de fronteiras entre arte e educação. A partir da forma concebida, outras são produzidas, criando condições para que o evento artístico seja corporificado, existindo espaços de intersecções, tramas e hibridações entre a arte, a educação e política dos quais a pesquisadora investiga. (FERNÁNDEZ MÉNDEZ, 2015, p. 178).

Percurso no Atelier Público

Os cursos no Atelier Público vieram paralelamente quando cursava a faculdade de História. A arte sempre ao redor como porto seguro para voltar a si mesmo, exercício de sensibilidade presente frente ao desafio de pesquisa e escrita.

Soltar o traço, acolher novos pensamentos e caminhos, arejar a mente com a expressão encontrada através da arte.

Começamos a oficina antes da Páscoa. Na produção da turma o emergir de desenhos em formato de ovos. No processo de expressão através do desenho, a mão que age por conta própria sendo nossos olhos, ouvidos, boca e narinas.

Pausas no caminho

A trajetória percorrida até chegar ao final do curso em Artes Visuais, não foi um caminho reto. Pausas no caminho, momento delicado, perdas, cuidar de minha mãe com Alzheimer e o seu falecimento. O retorno ao curso em 2019. A reconexão com o Sagrado Feminino, a alquimia da alma. As linhas recomeçam a sair do ventre, encontro com o Universo no mito da Grande Tecelã. Colher e trabalhar com barro como elemento telúrico, o doar sem pressa, tecer o invisível, o inquietante ganha forma e desforma.

Acerca da criação de objetos propositores poéticos que promovam aprendizagens em Artes Visuais, Andrea Hofstadter (2017, p. 547) se utiliza dessas contribuições conceituais, entendendo que a ideia de material didático se limita e, ao mesmo tempo, se expande.

Restringe-se no sentido de que não se trata de “qualquer coisa”. É material especialmente criado, com determinado objetivo, elaborado com muito planejamento e com certas características ou atributos que têm relação com uma concepção de aprendizagem. Alarga-se no sentido de que inclui a dimensão poética, que faz do professor ou educador um propositor de experiências de aprendizagem, em que haverá trocas, descobertas, interações e criação. Serão motores da transformação do conhecimento, participando dos processos de subjetivação dos sujeitos envolvidos. (HOFSTAETTER, 2017, p. 547)

Nesse percurso criativo e poético como professora-propositora na criação de materiais didáticos, procurei suscitar experiências artísticas de aprendizagem. A artista-propositora Lygia Clark foi pioneira no conceito de objeto propositor, contribuindo para a reflexão e produção de objetos propositores ou objetos de aprendizagem poéticos, que influenciou e embasou pesquisas em que há o entrecruzamento entre arte e educação. Com a criação dos *Cubos Sensoriais* foi possível criar situações de interação entre os sujeitos, entre os artefatos poéticos e os sujeitos e entre os sujeitos e o conhecimento. A Arte Contemporânea, nesse sentido, pode ser entendida não apenas como conteúdo, mas como proposição através da construção de materiais didáticos poéticos.

Descrição:

A produção em vídeo *No Fio de Aracne* aborda o processo artístico para a realização das obras "A Tecelã", "Filtro dos Sonhos" e "Nébulas", que desdobrou-se em experimentações de materiais. Foi realizado no dia 20 de março de 2020, como ritual de equinócio.



VilGO, Daniela

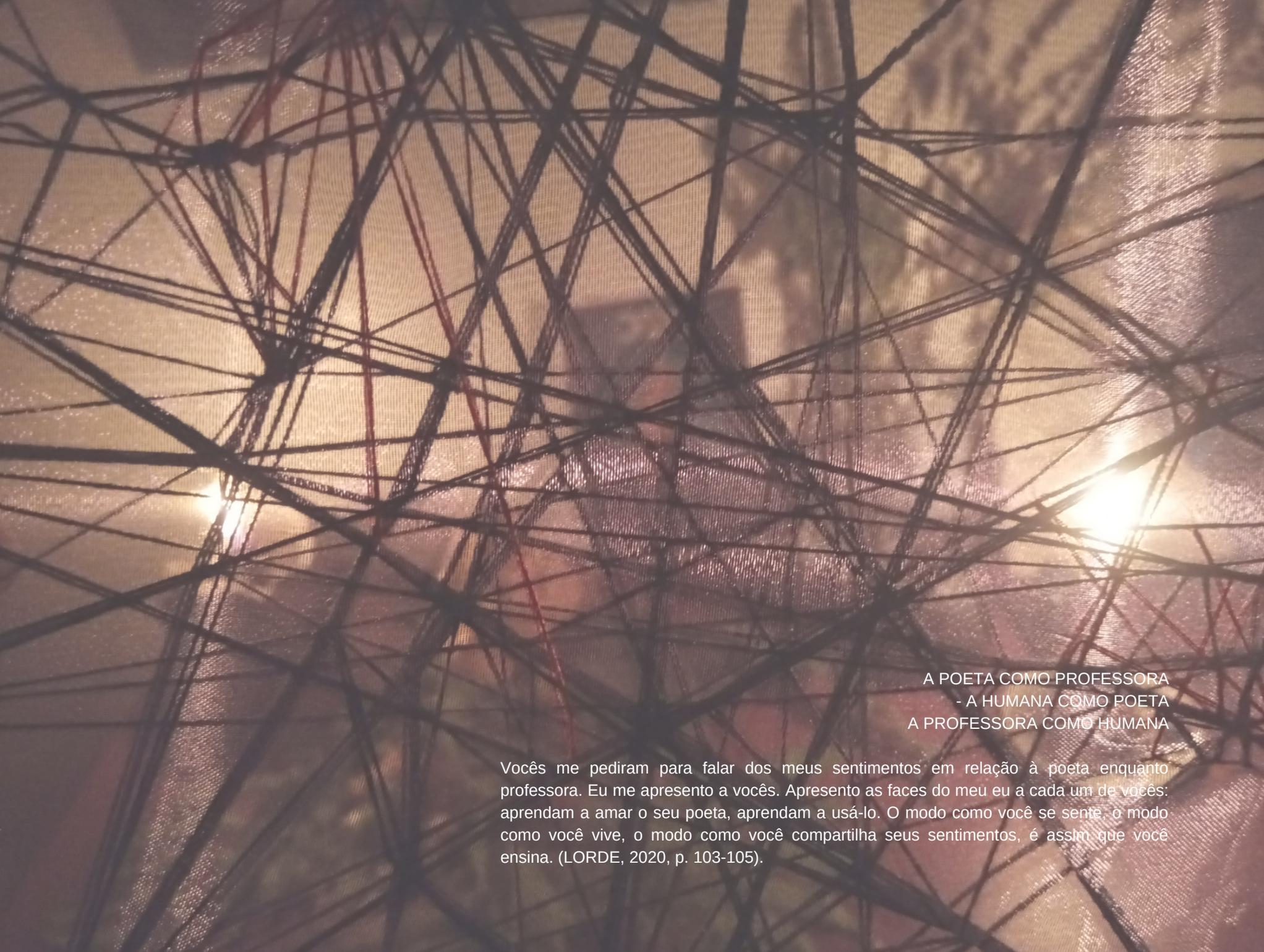
A TECELÃ

Fibras de poliuretano, argila, modelagem do rosto e mãos com gase engessada, flor e semente de urucum, macela, pedrarias, tinta acrílica, conchas e tecido de juta
2021

1,45 x 72 x 4cm

NO FIO DE ARACNE

<https://youtu.be/gaO2p9TGflg>



A POETA COMO PROFESSORA
- A HUMANA COMO POETA
A PROFESSORA COMO HUMANA

Vocês me pediram para falar dos meus sentimentos em relação à poeta enquanto professora. Eu me apresento a vocês. Apresento as faces do meu eu a cada um de vocês: aprendam a amar o seu poeta, aprendam a usá-lo. O modo como você se sente, o modo como você vive, o modo como você compartilha seus sentimentos, é assim que você ensina. (LORDE, 2020, p. 103-105).

IV - PROFESSORALIDADE: A PROFESSORA QUE SOU E ESTOU SENDO

Trazer a palavra, o significado que está entranhado na memória e lançar o desafio de me tornar clara, ética e sensível. A vida e arte traduzidas em palavra e alma. Na cultura guarani a palavra se faz no corpo e na alma, é indissociada, uma inscrição na alma que se projeta no corpo através da fala. É a extensão da imagem que se faz presente no corpo. Trago a palavra, sopro e saliva, memórias sentidas, conexão com o espírito, a experiência subjetiva do qual sou o sujeito no fazer, ser e sentir artista-pesquisadora-professora.

Na dimensão aracniana, a percepção sensorial se dá pelo fio que tece e a teia criada ao seu entorno pulsional. Cada uma das 8 patinhas sentem a vibração e a pulsação, o espaço. Em sua teia tece o encontro com o outro, é espaço de enfrentamento, proteção e nutrição: uma ameaça ou o alimento que chega; hora de atacar, defender-se ou de gerar. A aranha age na frequência de sua percepção junto ao ambiente, as propriedades vibráteis chegam em ondas até ao seu corpo. As patinhas decifram o que está acontecendo ao redor. As escolhas são tomadas a partir do conhecimento de suas forças vitais sensoriais e táteis.

Tomo emprestado a descrição desse mundo aracnídeo para fazer uma analogia com a vida humana. As teias não são visíveis, muito menos claras na vida, mas é um jeito de aludir às conexões pulsionais que criamos, para onde queremos ir, do que encarnamos como qualidade vital, do que experienciamos no mundo e do que somos.

Então me disponho a ouvir a bússola como ato de resistência, procurar imergir na inscrição da própria subjetividade para refletir sobre o processo

Memórias de Inço

No entorno da escola, a busca por plantinhas pouco percebidas. Direcionar o olhar para a periferia, para o que é considerado à margem, para as plantas que nascem nas fissuras, consideradas matos e ervas daninhas, dar a atenção para o sentido da resistência e resiliência a esses elementos da natureza. O olhar demorado que rompa a barreira cotidiana acelerada que nos impede de ver (cegueira vegetal).

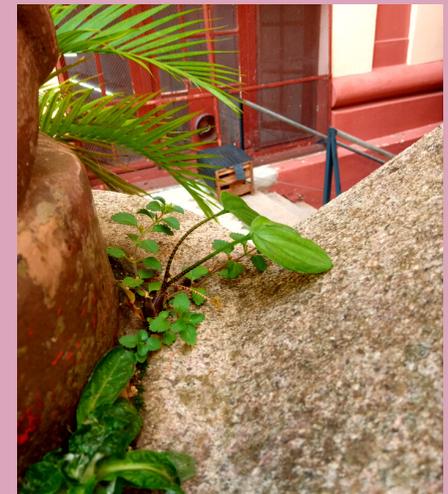


Foto: Daniela Vigo.

No interior da escola, as trocas afetivas, valores atribuídos e incomensuráveis.

Entre uma brecha de um período a outro, lembrar o que não quer ser esquecido, tecer a memória. Uma vela, um pequeno bolinho. O aniversariante fala que poucos se lembram dessa data. As pequenas coisas da vida, aprendizados para além do currículo. Uma vela enche nossos olhos e corações, eles comungam em um ritual celebrativo.



Ritual celebrativo. Escola Ernesto Dornelles. 2022/1. Foto: Daniela Vigo.

de construção da professoralidade em que se esboça a docência. Questões de como se constitui a professoralidade nesse tecer entre a vida, arte e sala de aula do qual sou o corpo e voz de minhas próprias experiências e escolhas.

A reflexão que se inicia é sobre a constituição docente, de um sujeito em formação arte-educador. Na tese de doutorado de Marcos Villela Pereira sobre “Estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor” (1996), o autor investiga o processo de produção da subjetividade do professor, estabelecendo alguns indicadores metodológicos para a pesquisa.

Questionamentos surgem sobre a professora que sou, professora a constituir-se sempre pelas investigações e propostas colocadas em prática, pelas experiências e desdobramentos em sala de aula, espaço aberto aos saberes, a curiosidades e vontades suscitadas pelo aprender e ensinar. Refletir sobre a experiência professoralidade, exercer a autocrítica é parte desse processo de torna-se professor, que indaga, investe, pesquisa, ensaia, repensa, refaz, improvisa e, nesse caminho, o movimento contínuo para aperfeiçoar-se na construção de si.

Entendida como "uma diferença que o sujeito produz em si" (PEREIRA, 2013, p. 35), a professoralidade se produz por uma diferença no sujeito, ou seja, não corresponde a um padrão ou modelo que devemos seguir. Por ser uma opção que o sujeito faz para realizar algo que almeja, o vir a ser professor não se submete a cumprir papéis demarcados que imobilizam e regulam os nossos próprios movimentos.

A professoralidade é como uma *marca*, produzida no sujeito, ela é um estado, uma diferença na organização da prática subjetiva.

Não é uma identidade: identidade é uma formação existencial modelada, retida em maneira de atualizar-se, a partir de um caminho determinado e condicionante. (...) A marca é um estado, uma diferença produzida na superfície de sua subjetividade que contamina suas formas de ser. (PEREIRA, 2013, p. 53).

O professora que sou ou que estou sendo é um caso particular dentro das infinitas possibilidades de eu ser, que resulta do próprio modo de ser. Assim, ao escrever sobre si mesmo nos produzimos como sujeitos o que alimenta o potencial da diferença que nos constitui. Através das memórias, registrar as marcas de um tempo vivido, atravessados pelos acontecimentos que causam instabilidade, neste sentido, produzimos nossa professoralidade, nosso jeito de ser professor diferenciando-se até do que havíamos sido.

O exercício da memória está diretamente relacionado com a produção da professoralidade, Escrevo a partir de minhas memórias e, nesse processo de inscrição da experiência e percurso de vida na arte e educação, compreendo-me, recrio-me. A partir dos fios da memória, me ponho a refletir sobre o estágio realizado nos dois últimos semestres de 2022 na busca de entendimento da professora que se constituiu nesse processo de construção da professoralidade.

A investigação delineada utilizou, como recurso narrativo a memória projetiva como forma de registrar os traços dos acontecimentos dos quais fui me constituindo e vou continuamente construindo minha professoralidade, buscando a gênese a partir de referenciais que antecedem o percurso acadêmico.

A despeito de trabalhar com a memória como forma de narrar

O desenho cego: ver com as mãos

Fora da escola, a professora observa a aluna que olha atentamente a plantinha. Por cerca de 20 min ou mais, a aluna fica pacientemente presente e entrega-se, Conectada ao pequeno mundo. Silêncio para a captura de sua forma, de suas delicadas folhas. O interesse especial em registrá-las, suas partes frágeis e machucadas, as linhas internas e seus veios.



Observações sobre o desenho cego. Escola Ernesto Dornelles. Praça Brigadeiro Sampaio. 2022/1. Foto: Daniela Vigo.

O desenho cego como forma para alargar a capacidade de não ver foi desenvolvido com os alunos com o objetivo de captar a singularidade das plantas e se relacionar de forma tátil.

Percorrer seus limites e suas variações, capturar com desejo de intimidade silenciando a fala e o pensamento. Sustentar o tempo que demore.

A experiência subjetiva ganha espacialidade interna, produzindo um campo dentro de nós, numa sintonia com a energia da planta, acessando o conhecimento, a sensibilidade e a inteligência ancestral.

Os trabalhos desenvolvidos pelas artistas Ana Flávia Baldisserotto e Claudia Hamerski foram apresentados com o objetivo de sensibilizar o olhar para o mundo dos vegetais, das memórias, territórios e relações que temos

processos de constituição de si, Marcos Villela Pereira aponta que existem dimensões para o exercício da memória, a primeira é a retentiva que trabalha com a memória dos fatos e saberes encadeados linearmente, por isso é serial, geralmente é apreendida em situações onde é necessário lembrar através da repetição. O exercício da ativação se dá pela reminiscência, portanto, além de ser reiterada, a previsibilidade faz parte de seu trabalho. O passado é visto como uma suposta eternidade inabalável e a ordem cronológica a sustenta. Nesse tipo de memória encontramos as figuras (fatos e saberes) que lhe dão a base, a natureza de seu registro. (PEREIRA, 2016, p. 67-78). No segundo caso, o da memória projetiva, há o resgate do campo das forças vivas das matrizes dos fatos através do pensamento analítico que é sua forma de representação, predominando em seu conteúdo as lacunas e as rupturas. (PEREIRA, 2016, p. 75).

As rupturas dizem a respeito a momentos que provocam a fragmentação e a decomposição de formas estáveis e consolidadas. A ruptura é acionada por um rompimento com aquilo que já não serve mais, ocorrendo o desmoronamento de padrões obsoletos com vistas a receber um novo arranjo de forças em que incorpora-se os fluxos atualizados para que ocorra uma nova reconfiguração de ser. (PEREIRA, 2016, p. 76-78).

Proveniente da narrativa de memória retentiva estão as lacunas em que se experimenta uma espécie de um vazio existencial provocado pela dissipação da figura que até então garantia algum sentido. É um momento para incorporar um novo tempo e de colocar para fora coisas que não servem mais. A troca de pele é necessária para que uma ideia consistente se apresente, articulada com novas forças e potências gerando, por sua vez, uma nova produção de si. (PEREIRA, 2016, p. 77).

Na pausa encontrei na escrita, buscando na memória a diferença naquilo que produzi, garantindo que a minha constituição permita acompanhar os fluxos contínuos dos quais me envolvi para que processo de subjetivação se realize através do recurso prospectivo, em que se resgatou a intensidade dos acontecimentos mais significativos. (PEREIRA, 2016, p. 181). Refleti, então, sobre o tipo de aula que pretendo dar, descortinando idealizações ou repetições.

Quase-aula é uma aula que perdeu (ou melhor, que não tem) o objetivo subliminar de manter a cadeia repetitiva do modelo institucional que é a de preservar a natureza estrutural. É uma aula que não repete o modelo reificado das estruturas funcionais hegemônicas, nem as substitui por outras, antagônicas; é uma quase aula." (PEREIRA, 2016, p. 192).

Rompe-se com o tempo serial e linear, para a construção de um momento para que subjetividade aflore, as histórias trazidas pelos alunos, o espaço é criado para envolvê-los, quebra-se com o sentido tradicional de dar aulas. Em vez do engessamento das aulas monótonas e reproduzidas, uma quase-aula interpõe-se como figura diferenciada participante e viva frente aos movimentos das forças em sua complexidade. Investe-se em processos de desvelar e apropriar dos meios de produção da subjetividade através do experimento criativo.

com as plantas. A partir do exercício do desenho cego, perceber as plantas ao entorno da cidade, que crescem desordenadamente em lugares pouco prováveis desafiando nosso olhar e a própria existência.

Descrição:

Estágio realizado em 2022/1 na Escola Técnica Estadual Senador Ernesto Dornelles com as turmas do Técnico em Design e o Técnico Integrado. O tema desenvolvido foi de sustentabilidade através da impressão botânica em tecido.



Oficina de impressão botânica. Criação das estampas. Foto: Marina Estefano Bueno.

Vídeo produzido a partir da oficina de Impressão Botânica realizada na Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles em abril a maio de 2022.



<https://youtu.be/zYzGJgTZ-RU>

**V - NA ESCOLA:
EXPERIMENTAÇÕES DOCENTES**

O despertar do olhar orgânico

Me interessei pelo tema, sustentando uma ideia já lançada quando fiz o Pibid, quando utilizei técnicas antigas de fotografia como a cianotipia em tecido e, agora, o tingimento natural através da impressão botânica. Em ambas técnicas, as plantas, as folhas, as flores, os elementos orgânicos quase invisíveis na paisagem da cidade. Meu desconhecimento me levou a ler, buscar informações. Sobre a técnica de impressão botânica, por coincidência, descobri que uma colega, Bettina Nilson estava dando um oficina no Jardim Botânico, oficina que realizei em dois sábados, experiência que ela levou para o seu TCC, trazendo as narrativas femininas ancestrais trazidas dessa relação.

O trabalho que desenvolvi com a turma do técnico

V. 1 As cores ecológicas da impressão botânica

O primeiro estágio realizado foi na Escola Técnica Estadual Senador Ernesto Dornelles, a mesma escola que iniciei meu percurso na docência com o Pibid. Retorno ao começo de minha experiência. Assim conheci a professora Sandra Olinda Matos, formada em Licenciatura em Artes Visuais em 2002 e, na escola, é professora do Ensino Médio Integrado e do Curso Técnico em Design.

A escola foi fundada em 6 de junho de 1946. A ideia era criar uma das primeiras escolas técnicas femininas no país. O funcionamento era em regime de internato e semi-internato, possibilitando que as estudantes do interior do Rio Grande do Sul estudassem em Porto Alegre.

A turma do Técnico Integrado possui 8 alunos. São 3 períodos para a mesma turma, ocupando a tarde de segunda-feira: a primeira disciplina é sobre Práticas, seguida de Metodologia de Pesquisa e, por último, a Oficina de Restauo. O período começa pelas 14h e vai até as 17h. Já a turma do Técnico em Design, as aulas eram pela manhã, 3 períodos seguidos, numa sexta-feira.

Dando continuidade ao que a professora Sandra já havia introduzido com aulas teóricas e práticas de restauro de móveis, a ideia de sustentabilidade foi pensada no projeto de ensino já que a técnica que reduz o uso de insumos gerando a economia de água e de energia. O uso de pigmentos vegetais tem crescido e adotado no mercado das grandes fábricas e marcas de modas voltando suas produções ao *slow fashion*.

Nos deslocamos para a praça Brigadeiro Sampaio para a realização da oficina de impressão botânica, lugar onde realizaram também o exercício do desenho cego. O percurso do aluno foi livre, orientado a deixar-se levar pelo olhar para encontrar plantinhas que crescem em lugares pouco prováveis e desordenadamente na cidade. Coletamos as folhas, flores e preparamos a sala previamente para fazer a prática

Por ser mais adequada, a sala foi cedida pelo curso de prótese dentária para a realização da oficina que exigia pias para lavar os tecidos, fogão para colocar o caldeirão com água fervente e, para realizar o processo de impressão, as mesas grandes na sala eram ideais para estender os tecidos e receber as intervenções criativas dos alunos.

Os alunos criaram as estampas com as plantas e utilizaram também temperos (açafraão, cúrcuma, urucum); cascas de cebola; chás (macela, chá preto, hibisco), erva de chimarrão e romã.

As marcas das plantas deixadas nos tecidos dependiam da ação dos mordentes (fixadores naturais), que registram suas formas e linhas. Em duas etapas foram usados: no primeiro momento, quando os tecidos são umedecidos para receber a criação das estampas com plantas, flores, chás, frutos e temperos e, segundo momento, para o cozimento dos tecidos em que se reaproveita a mesma água. Optei por usar pedra ume como fixador natural, mas também podem ser usadas outras substâncias ácidas, como o limão e o vinagre. A professora Olinda Matos trouxe uma kombucha de vinagre de butiá para complementar o processo. Pregos enferrujados marcaram os tecido deixando-os com tons mais escuros, opção que foi adotada nesse processo que dura em média entre 1h30 a 2 horas ao fogo.

integrado foi mencionado em seu TCC. A técnica que desenvolvi, contudo era para impressão botânica em tecido com imersão na água, já a técnica que aprendi com Bettina, foi em papel com o uso só do vapor da água para o processo final de tingimento.

Apresentei artistas que trabalham com a técnica, como a estilista Flávia Aranha, que traz o encontro do ancestral com a tecnologia na criação de roupas; a poesia em tecido e a estamparia da artista Nara Evangeline Guichon Ferrari; e as cores ecológicas de India Flint, que recuperou a técnica a partir de uma memória, a dos ovos tingidos com casca de cebola contornados com plantinhas que sua avó fazia em comemorações de Páscoa.

Sobre os tecidos com impressão botânica, posteriormente os alunos realizaram intervenções com o bordado livre e, como trabalho final, confeccionaram almofadas. Levei minha máquina de costura portátil, linhas de bordado, miçangas, tesouras e agulhas.

Bordar os tecidos, as conversas paralelas, histórias de vida, a infância, marcas delicadas, de afetos, dores e luta. Os caminhos percorridos, a seleção de flores e plantas. Os caldeirões quentes ao fogo, os tecidos-pele ornados por mãos-afeto.

A ação dos mordentes sobre o tecido é momento que o controle nos escapa, pois depende da capacidade tintória da planta junto ao processo com as substâncias fixadoras. Os tecidos foram enrolados com barbante em tubos de pvc, os alunos observaram o procedimento que fiz e cada um se dispôs a auxiliar o outro. A pressão que é colocada no ato de amarrar define a nitidez da marcação das plantas durante a impressão, além de deixar marcas dos fios de barbante no tecido, criando tramas.

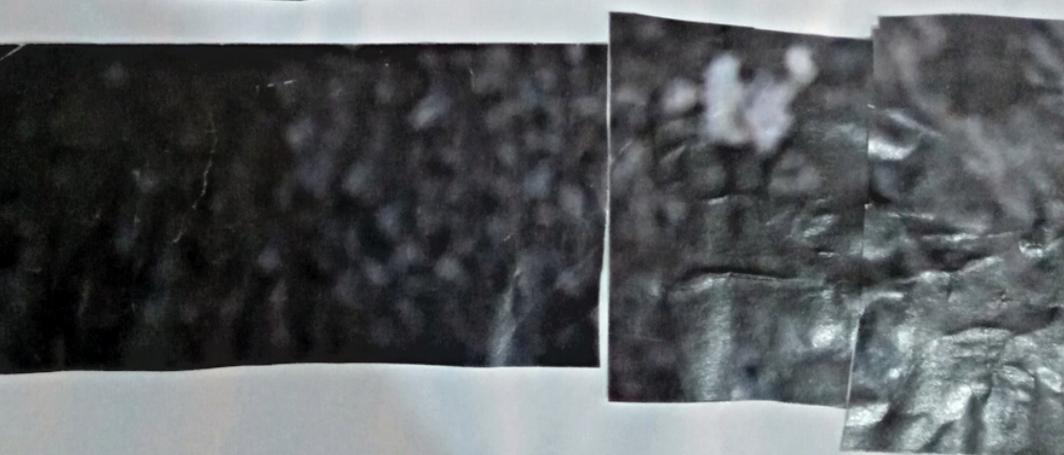
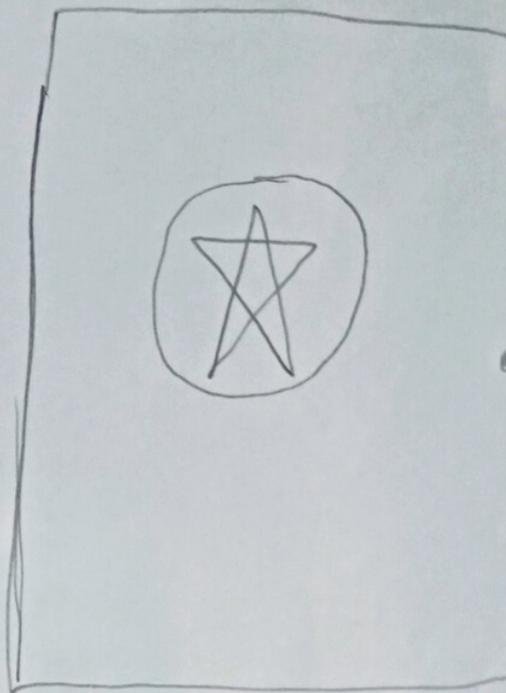
Abrir os tecidos e depois esticá-los torna-se um momento de revelação do processo. Alguns desapontamentos quanto as silhuetas que não ficaram tão evidentes, ou sobre as cores que não corresponderam ao desejado. Em conversa, expus que não existe certo e nem o errado já que resultados são imprevisíveis envolvendo variáveis, como as plantas que utilizamos e os mordentes. Nesse processo que envolve o trabalho artesanal, é importante valorizar os momentos de trocas, de conexão com o próprio ritmo encontrado entre a planta e o eu, os gestos do fazer envolvidos na composição e amarração. A relação entre a prática de impressão botânica diz muito sobre essa relação com as plantas e filosofia de vida, percebe-se a desaceleração do tempo: é sobre ver com outros olhos um mundo despercebido, do acolher os resultados imprevisíveis e sobre descolonizar o olhar. (SEEGER, 2018, p. 22).

A *ecoprint* fala de colher, compor, amarrar, cozer, trazendo uma proposta para alinhar-se a uma abordagem de vida que fala sobre o respeito, a consciência e o cuidado com a natureza. É sobre conexão, de aceitação do acaso como parte do processo, pois não há imperfeição, um retorno ao contato com o natural e o orgânico, alinhado à responsabilidade social e o desenvolvimento de uma relação mais humana.

Quando os relógios da meia-noite prodigarem
Um tempo generoso,
Irei mais longe que os vogas-avante de Ulisses
À região do sonho, inacessível
À memória humana.
Dessa região imersa resgato restos
Que não consigo compreender;
Ervas de singela botânica,
Animais um pouco diferentes,
Diálogos com os mortos,
Rostos que na verdade são máscaras,
Palavras de linguagens muito antigas
E as vezes um horror incomparável
Ao que nos pode conceber o dia.
Serei todos ou ninguém. Serei o outro
Que sem saber eu sou, o que ficou
Esse outro sonho, minha vigília. E a julga,
Resignado e sorridente.

Jorge Luis Borges





Vendo o inferno de perto

Alexsandro Freitas Borba

Turma: 61

O sonho ocorreu na casa de minha avó. Uma coisa cinza comprida, que parecia um alienígena, abriu a porta do meu quarto.

Eu acordei no sonho e ele veio em minha direção como se estivesse me procurando e começou a tocar uma música. Senti muito medo.

Minha vó me protege

Ana Clara Ribeiro Kaiser

Turma: 71

Eu tive um sonho que realmente aconteceu: estava na minha casa cuidando da minha vó (que encontrava-se muito doente no meu sonho), depois de um tempo, uma velha pediu licença para entrar em casa e abençoar a minha avó. Eu deixei.

Enquanto ela cuidava da minha avó, eu sentia um conforto enorme, muita paz e sensação de leveza... me lembro perfeitamente como se aquilo fosse real. A senhora foi embora.

A minha avó (na vida real) ficou bem depois da "visita" no sonho (ela estava realmente doente e não tinha previsão de alta). Fiquei muito feliz quando descobri que ela havia sonhado com a mesma velha que eu.

Depois de 2 anos desenvolvendo minha mediunidade em um terreiro de umbanda e candomblé, descobri que era a minha preta velha Vó Chica, que também é guardiã de minha avó materna.



Paralisia do sono

Gabriela de Freitas

Turma: 81

O sonho aconteceu na minha casa. Eu estava dormindo e não conseguia ter nenhum tipo de ação. Senti medo e vontade de chorar.



O encontro

Maria Clara Antunes de Lima
Turma 91

O sonho ocorreu nos anos 90, no rancho da Califórnia chamado Neverland. Era muito grande e bem bonito, tinha vários brinquedos e um zoológico com muitos animais. Quem veio me receber foi o próprio Michael Jackson, fui chorando em sua direção abraçá-lo. Ainda abraçada a ele falei as seguintes palavras

- Finalmente eu pude te ver pessoalmente! Eu estou muito feliz, estava tudo tão difícil para mim, a minha cabeça está muito confusa e eu me sinto sozinha...

Ele olhou para mim e deu um beijo na minha testa e falou com uma voz suave:

- Vamos aproveitar o dia, então.

A gente dançou e cantou o dia inteiro. Chegou a noite e ele me disse:

- Clara, eu tenho pouco tempo para ficar aqui, você sabe que eu não estou mais vivo, então não posso voltar com você... mas não chore, eu espero você aqui amanhã, quando você estiver dormindo.

Ele me deu um último abraço e entrou na mansão e tudo ficou preto e eu acordei.

Quando estava no estúdio de dança eu lembro que cantei e dancei "Billie Jean". No parque, andamos de carrosséis e no zoológico, cuidamos dos animais. Michael estava com cabelos soltos com chapéu, na pele dele não tinha nenhuma mancha de vitiligo, sua roupa estava de

acordo com suas cores favoritas (preto e vermelho), calçava seus mocassins pretos e com cachos definidos que ficavam na frente de seu rosto. Me senti muito feliz com os sonhos, pois pude encontrá-lo, e chorei muito quando me despedi dele. Nos meus sonhos tenho a chance de conseguir ver as pessoas que admiro, como cantores, atores e as séries que eu amo. Às vezes dá vontade de não acordar mais!



V. 2 Sonhos, mitos e lendas: sabedorias populares

Após entrar em contato com a escola de Ensino Fundamental Professor Ivo Corseuil, pude conhecer a professora de Artes Giana Maria Franceschi, iniciando minhas observações.

A escola é pequena, com 193 alunos e 8 professores. Possui biblioteca, sala de informática e sala de vídeo. Ao contrário da escola anterior, que era maior e com mais alunos, o desafio agora era de adaptar-se com 4 turnos da manhã de segunda-feira dos 6º, 7º, 8º e 9º anos.

Na última aula de observação, Giana apresentou a pesquisa sobre Folclore que os alunos deveriam fazer e entregar após o final do estágio. Meu projeto de ensino do estágio se definiu a partir da proposta que a professora Giana trouxe, porém, quis alcançar os alunos ouvindo as histórias que tinham para contar.

O universo dos sonhos é tema de diversas obras na história da Arte, especialmente no Surrealismo, originando produções que revelam desejos, medos e fantasias que desafiam o nosso olhar. Assim como os sonhos, os mitos e as lendas folclóricas são produzidos pela capacidade criativa exercida somente pelos seres humanos e obedecem às mesmas leis quanto ao simbolismo que carregam.

Como constructo mental, quando dormimos criamos um mundo imaginário que revela nossa capacidade inventiva de criar. Sonhos, mitos e lendas estão imbricados, pois são narrativas fantásticas que podemos contar e falar sobre nós mesmos através de uma linguagem simbólica.

Depois de apresentar o projeto de ensino às turmas, pedi que escrevessem no caderno e depois me entregassem ao final da aula a memória que tinham de seus sonhos. As questões giravam sobre o ambiente da narrativa, que figuras apareciam, a sequência de ações durante o sonho e como se sentiram durante o sonho e após acordar.

Trouxe imagens para os alunos visualizassem obras de artistas que se utilizam da temática onírica como. A pintura de Salvador Dali, que reproduzia seus sonhos através de um método; as obras de Leonora Carrington, que traz uma história de vida marcada pelos contos populares irlandeses, e o mundo imaginativo de sua mãe; e o universo mágico, onírico e lúcido do artista indígena Jaider Esbell.

Na oficina de colagem como processo artístico, o sonho dos alunos foi retomado para a composição do trabalho. Artistas que trabalham com técnica da colagem foram apresentados, como Hanna Höck, precursora na colagem e na luta pelos da mulher; Diego Max, com suas colagens psicodélicas; Manuela Eischer e seu trabalho escultórico com as colagens; e Ferreira Gullar, que agrega um método de colagem ao acaso

Na segunda etapa do projeto de ensino trabalhei com o cordel como forma de explorar as narrativas fantásticas dos próprios alunos, no qual apresentei os folhetos de literatura de cordel destacando as rimas presentes do texto, a oralidade, poesia, performance envolvida e a relação com a imagem.

A primeira aula ocorreu em uma manhã fria, escura, chuvosa e com trovões, momento de compartilhar histórias surreais que nos tiram do chão. Começo com o 9º e 7º ano, que me nutrem com histórias que aconteceram dentro da própria escola, como a "Loira do Banheiro", "Charlie Charlie"... Outras histórias paralelas eram contadas pelos alunos, como o sonho de Dinho antes da queda do avião que matou os componentes da banda "Mamonas Assassinas"; sonhar que está caindo ou fugindo de algo muito assustador; sonhos acordados; sonhos de infância que se repetem, como o relato de desenhos incas e com fadas; sonhos premonitórios; com entidades guias da umbanda; com a casa dos avós. Acabou a aula e as conversas continuavam após a aula. Uma aluna me indaga no caminho até a sala de professores: "Professora a gente vai contar nossos sonhos, falar das lendas na próxima aula?"

No último período, a turma do 6º ano fecha as cortinas das janelas para a contação de histórias sobre a escola, gerando outras paralelas. Em meio aos trovões, dois meninos, que são irmãos, ficaram acoados com o som dos raios, se escondendo por entre as cadeiras. No entanto, para ouvir histórias pararam de ter a resposta ao medo inconsciente, posicionaram-se a frente, sentando-se nas cadeiras.

Sobre o tema das dos mitos e lendas, a conversa adentrou na história de Porto Alegre, o "Castelinho da Bronze", "Maria Degolada", "O Linguiceiro da Rua do Arvoredo", o antigo portão da cidade Porto Alegre que separava a zona rural da urbana; as lendas das praias do litoral norte, como "A Noiva da Lagoa"...

Dá segunda à quarta aula consegui ter acesso a sala de vídeo, pouco usada como recurso por outros professores.

Um pouco de caos no último dia de estágio, sem a sala para mostrar os trabalhos finais. Através do meu laptop passo o trabalho que construí com as narrativas como se fosse uma leitura de um livro. A vergonha com o misto de curiosidade perdurou, alunos interessados ao longe, alguns se aproximavam, ouviam eu falar de suas histórias, mostrando interesse e complementando, narrativas que se conectam à casa dos avós, envolve sair do corpo, sentir e ter sensações de tristeza, dor, alegria, morte, estranheza, medo, o mundo mágico que nos integra, que fala de nossa capacidade imaginativa de criar, contar, produzir nossas próprias narrativas. Processo individual mas que alcança a dimensão coletiva, a religiosidade presente nos sonhos, ancestralidade e pertencimento.



Aula sobre a técnica de isogravura. Escola Professor Ivo Corseuil. Foto: Luciana Loponte. 2022/2.

Ao chegar perto do final da aula, falei sobre a técnica de isogravura para ser usada em aula tecendo um diálogo com as narrativas dos alunos. Para tanto, a literatura de Cordel ou Cordel foi pensada por representar um recurso artesanal e viável economicamente para a representação de histórias folclóricas ou fantásticas.

Sobre as narrativas fantásticas, os alunos deveriam responder as seguintes questões para que me entregassem ao final do período de aula: Qual o nome da história? Quando e onde aconteceu? Que personagens estão envolvidos? De que trata a história? Quando e onde aconteceu? Que personagens estão envolvidos?

Para projetar o trabalho que havia preparado para as turmas, organizei as mesas em forma de U para circular entre os alunos, ouvir suas dúvidas e criações.

E para que o sonhar não vire problema, pois alguns alunos diziam que não lembravam ao acordar de seus sonhos, pedi que realizassem um exercício de experimentação com a técnica de colagem. Sem referenciais de lendas, sugestionei que pensassem em algum filme em que a história tivesse algum fundo lendário. Alternativas desencadeadas no ato. Medidas tomadas diante do imprevisível.

1.



2.



3.



1. Trabalho em isogravura feito pelos alunos que foram pendurados em cordões por prendedores, como são feitos em cordéis. 2. Placas de isopor desenhadas pelos alunos. 3. Impressão das imagens. Foto 1: Luciana Loponte. Foto 2 e 3: Daniela Vigo.

REDEMOINHOS FINAIS

Num redemoinho de palavras, objetos, sentimentos e sensações busquei o *big bang* onde tudo se originou. A poeira cósmica se aglomerou depois de um longo tempo, ordenou-se após a expansão. Retorno à origem, a casa, a constatação do sentido para perceber o movimento da identificação, do eu consigo mesmo, saberes, lembranças adormecidas e pujantes.

Um retorno a linguagem pulsional, retorno a si mesmo, reconhecer o caminho percorrido e, no emaranhado labiríntico do inconsciente, apropriar-me do que desenvolvi nesse trabalho de escrita acadêmica de finalização do curso, as pesquisas realizadas, os processos artísticos, as criações com os objetos propositores poéticos e a prática da pedagogia propositiva. Na essência de compreender a si, uma reconciliação para entender do que são feitos os sonhos.

A pesquisa refletiu sobre a multiplicidade de experiências que foram vividas e compartilhadas de diferentes formas nos processos de criação como artista-pesquisadora-professora, produzindo e configurando modos de pensar, sentir e agir concretamente. Junto à arte, pesquisa e professoralidade desenvolvi a produção singular que envolveu particularidades dentro de um contexto social e cultural com valores, concepções e significados incorporados e corporificados.

Para a costura desse TCC, tempos e diálogos distintos, mas complementares, foram construídos em paralelo, a memória foi o fio condutor. Nessa percurso acadêmico, a criação do *Livro dos Sentidos*, como livro de artista tátil, sensorial, que impulsionou a criação dos *Cubos Sensoriais*, inspirados nos objetos criados pela artista -propositora Lygia Clark, como objetos propositores poéticos. A experiência na docência com o Pibid e os estágios obrigatórios, o desenvolvimento de projetos pedagógicos sobre Mitos e Lendas, que fazem parte do meu processo artístico com deidades femininas e imersões com o barro, instalações com desenho instalado e performance. Sob as linhas das tecelãs fui construindo, reaproveitando materiais que poderiam ser descartados, trilhares ao encontro da matéria plástica.

A sala de aula sempre foi para mim um ateliê de pesquisas, de experimentações, afecções, vivências, escuta, da manifestação criativa dos alunos, com a busca de seu próprio repertório, o fazer e o aprender, a potencialidade de suas histórias que ganham visualidades através da prática artística em que ele coloca suas escolhas, pertencimento, memória e vida carregada de sentidos e sensibilidades.

Acerca da constituição docente, tanto possibilidades, como limitações fazem parte desse processo. Experiências ao longo do percurso formativo que incidem sobre o fazer-se professora, tendo em vista, que esta continuamente interpreta e ressignifica nos diferentes momentos de seu percurso. Portanto, é dinâmico o processo experimental da professoralidade, pois ao mesmo tempo em que o sujeito realiza, ele também produz-se como professor, abrangendo o delineamento das experiências que vivenciou no sentido de aprimorar fazeres e saberes docentes.

A professoralidade se relacionada aos movimentos dos quais aprendo a ser professor, no exercício criativo de aprendizagem docente em um processo contínuo de produção, de tomada de consciência da composição singular de ser docente. Através da memória, como recurso para percorrer a dimensão pessoal e acadêmica, pude compreender as estratégias das quais fui me constituindo ao longo de minha trajetória de formação, reencontrar de palavras e imagens quase esquecidas em que o desconhecido vem a tona convocando novos significados.

Ao longo desse processo de narrar o percurso, me deparei com as lacunas e rupturas. A visão ficou turva e, por vezes intrincada. Ocorreu-me vazios para escrever, incertezas. Através da escrita, o processo tornou-se claro dentro do emaranhado do inconsciente.

No processo de formação de professor, a experiência em docência nas escolas, tanto pelo Pibid e os estágios obrigatórios, procurei pela via de práticas educativas propositoras, potencializando subjetividades através de uma experiência vívida de aprendizagem.

Me deparo com inacabado e suspenso ao terminar esse TCC. Foi um grande desafio manter o rigor das informações, da pesquisa, mas também, os acontecimentos inesperados atravessaram o caminho, a emergência das contingências da vida que interferem deixando marcas. Assim é a linha no desenho é também a da vida, ocupando tempo e o espaço, precisa ou fluida. Somos sujeitos em trânsito, inacabados esperando a última aventura.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 3ª edição, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CLARK, Lygia Clark. **A propósito da Magia do Objeto**. Disponível em: http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=20.

DERDYK, Edith. Desde sempre, sempre desenhei. **Visualidades**, Goiana, v. 11, n. 2, 2014, Disponível em: <https://revistas.ufrej.br/article/view/30690>.

_____. **Livro-Obra**. Rio de Janeiro, 1964. Disponível em: http://issuu.com/lygiaclark/docs/1964-caminhando_p/1?e=0

_____. **Obra Caminhando**, 1964. Fonte: . Acesso em: 11 de dez 2017.

HERKENHOFF, 2008, p. 75

HERNÁNDEZ, Tatiana; DIAS, Belidson. Objetos de aprendizagem poéticos: máquinas para construir territórios de subjetivação. Santa Maria/RS: **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS ANPAP**. Nara Cristina Santos [et al] (orgs.), Universidade Federal de Santa Maria, PPGART; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGAV, 2015.

HOFSTAETTER, Andrea. Materiais didáticos poéticos no ensino de Artes Visuais. In: Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2018, São Paulo. Anais do 27º **Encontro da Anpap**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.542-555.

FONTANA, Lucas Lima. **Professor-criador de objetos de aprendizagem poéticos**: potencializando encontros no ensino de arte. Porto Alegre: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Instituto de Artes, UFRGS, 2016.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã**: escritos esparsos. São Paulo: Ubu Editora, 2020, p. 103-105.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARTINS, Miriam Celeste (org). **Mediação**: provocações estéticas. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n. 1, outubro, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MIRANDA, Lenir de. **Nostos**. A nostalgia de todos nós. Dissertação (Mestrado). - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, POA, RS, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12130/000623090.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

NESPOLI, Eduardo. **Performance e ritual**: processos de subjetivação na arte contemporânea. 2004. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284070>

NILSSON, Bettina. **Contornos da impressão botânica:** a relação entre mulheres e plantas na prática educativa e artística. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/250543/001152580.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

PEREIRA, Marcos Villela. **A estética da professoralidade.** Um estudo crítico sobre a formação de professor. Santa Maria: Editora UFSM, 2016.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite.** A história e a ciência do sonho. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

SANTOS, Elaine Regina dos. **Celeida Tostes:** o barro como elemento integrativo na Arte Contemporânea. 2011. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/86935>>.

SEEGER, Natalia. Águas turvas, antropologia artesanal mais que humana e o saber-fazer artístico como um método de deslocamento do olhar. **Revista Ilha**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 97-126, 2021.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada.** Da ternura à injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

SOUZA, Márcia Regina Pereira. **O livro de artista como lugar tátil**. 2009. Tese (Doutorado). Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Artes - CEART - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-130041/o-livro-de-artista-como-lugar-tatil>

SOUZA, Paula Isabelle Teixeira de. **Rito de passagem**: o ritual como processo artístico. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pintura) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

UTUARI, Solange. O professor propositor. In: ANAIS DO 24º **SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO**. Arte e educação: Os desafios do professor de arte no mundo contemporâneo. Montenegro: Ed. da FUNDARTE, 2014.